DEPARTMENT OF STATE
LIBRARY
MAY 17 1961
LR/FILE COPY
PLEASE RETURN

FIDEL PROCLAMA SOB DELIRIO DAS MULTIDÕES: CUBA A PRIMEIRA REPÚBLICA SOCIALISTA DA AMÉRICA

Texto na 7ª página

NOVOS RUMOS

ANO III

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges

Trabalhadores Comemoram Nas Ruas o Primeiro de Maio: Solidariedade a Cuba e Luta Por Aumento de Salários

Textos na 2 e 7 páginas

O operário em construção
Poema de VINICIUS DE MORAES na 8ª página

Um Pecado da Revolução
Art. de "CHE" GUEVARA na 4ª página

Os trabalhadores da Guanabara e o 1º de Maio
Art. de LOURIVAL COSTA na 6ª página

A Revolução Cubana e o Prof. Jaguaribe
Art. de ALMIR MATOS na 3ª página

EM TÔDAS as capitais e principais cidades do país os trabalhadores brasileiros realizaram solenidades comemorativas do 1º de Maio. Os trabalhadores reafirmaram sua solidariedade à revolução cubana, sua condenação à política financeira do govêrno, expressa na Instrução 204, e sua disposição de luta pela revisão do salário-mínimo, por aumento geral de salários e contra a carestia da vida. Na foto superior, aspecto do Comício realizado na Praça da Bandeira, no Rio; na inferior, vista parcial do grande comício realizado na capital paulista.

MUDANÇA PARA MELHOR

ORLANDO BOMFIM JR.

O 1º DE MAIO dos trabalhadores cariocas foi, êste ano, diferente. Realizou-se sem a tutela do Ministério do Trabalho. Não se enquadrou nos programas de festinhas do SESI e de outras organizações patronais idênticas. Ao invés do conhecido apoio oficial, recebeu hostilidade franca. O govêrno da Guanabara chegou mesmo a requintes. Havia assumido o compromisso de iluminar o local, armar o palanque, mandar banda de música. À última hora, deu marcha-à-ré, negou tudo, retirou o palanque que já estava instalado. Tentando desviar a atenção dos trabalhadores, recorreu até à popularidade do Flamengo, organizando um jôgo com o rubro-negro, no Maracanã, portões abertos...

MAS, MESMO sem as gambiarras e a música do sr. Lacerda, milhares de trabalhadores reuniram-se na Praça da Bandeira. E, exatamente por ter sido planificado e realizado pelos operários, por suas entidades de classe, tendo à frente a Comissão Permanente das Organizações Sindicais, o 1º de Maio da Guanabara apresentou êste ano, em relação a outros anteriores, uma mudança na sua própria qualidade. Não se desfigurou por nenhuma das influências que, todos os anos, procuram esvaziá-lo do seu verdadeiro conteúdo. Foi autêntico.

ISSO DE MODO nenhum significa que a comemoração da grande data internacional tivesse tido um caráter limitado e estreito. Ao contrário. Foi, antes de tudo, a manifestação do sentimento de unidade entre os próprios trabalhadores. Sabem êles que seus interêsses são comuns e, em conseqüência, comum deve ser sua luta. Por isso mesmo, diante da situação que o país atravessa, agravadas as privações das grandes massas, dos assalariados em particular, pelos resultados nefastos da política econômico-financeira do govêrno Jânio Quadros, no comício foi acentuada a necessidade de se intensificar a ofensiva pela revisão imediata do salário mínimo e pelo reajustamento geral dos salários. Os trabalhadores defendem, assim, seu nível de vida. Cuidam, concretamente, dos interêsses de sua família, que não desejam ver minada pela fome.

NÃO SE limitaram, entretanto, aos seus problemas imediatos e prementes. A manifestação adquiriu também, sob diversas formas, sentido mais profundo e amplo. Revelou que a classe operária não pretende ficar, como um peru, imobilizada diante do círculo vermelho de suas reivindicações econômicas. Quer romper essas limitações. E ir mais longe. Os trabalhadores cariocas proclamaram, pela palavra dos dirigentes sindicais, sua decisão de participar da luta — que é de todo nosso povo — para livrar o Brasil do atraso e da humilhação impostos pelo domínio que desgraçadamente os imperialistas norte-americanos ainda exercem sôbre o país.

MAIS AINDA. As comemorações do 1º de Maio também tiveram, na Guanabara, o sentido de vigorosa definição de apoio à Revolução Cubana e de protesto contra as novas ameaças de agressão feitas pelo govêrno dos Estados Unidos. E isso porque os trabalhadores compreendem que não está em perigo apenas o destino da heróica ilha. Se, por um lado, o inimigo que tenta reapoderar-se de Cuba é o mesmo inimigo que procuramos — e havemos de consegui-lo — expulsar de nossa terra, por outro lado, êsse inimigo comum, enveredando pelo caminho dos preparativos de um ataque militar com suas próprias fôrças, põe em risco a paz no mundo todo.

AO LADO dos líderes sindicais, no comício da Praça da Bandeira falaram Prestes e os deputados Sérgio Magalhães e Tenório Cavalcanti. Eram as correntes populares que se faziam representar. As fôrças políticas que, nas últimas eleições, reuniram dois terços do eleitorado carioca. Lá não apareceu, naturalmente, o sr. Carlos Lacerda. Depois de sabotar a realização, escafedeu-se, preferindo a tranquilidade do programa diversionista organizado pelos patrões da Fábrica Bangu. Mas nem por isso foi esquecido. Mereceu a mais estrepitosa vaia no comício dos trabalhadores, que também se caracterizou como violenta repulsa ao lacerdismo.

O 1º DE MAIO da Guanabara foi, sem dúvida, diferente. E essa mudança para melhor indica o rumo seguido pelos acontecimentos. Deve servir de estímulo, pois, à ação de todos os patriotas e democratas. E não se pode esquecer que tudo isso aconteceu no mesmo dia em que se proclamava a existência da primeira república socialista da América Latina.

Kennedy no Caminho de Hitler: Fascismo e Guerra Para «Salvar» o Imperialismo

Texto na 7ª página

Guerra: solução ou suicídio?

E' Incurável a Enfermidade da Economia Norte-Americana

Texto na 3ª página

Primeiro de Maio de Apoio a Cuba Mobilizou o Proletariado no Brasil

Através de grandes manifestações públicas, as entidades sindicais promoveram as comemorações do Primeiro de Maio em todo o país. Realizando comícios e passeatas nas principais cidades e centros industriais, os trabalhadores saíram às ruas para saudar a revolução socialista de Cuba, protestar contra a política de carestia do govêrno Jânio Quadros, e reclamar o atendimento das suas principais reivindicações, entre as quais nôvo aumento salarial e de vencimentos, revisão do salário mínimo, prorrogação da Lei do Inquilinato, limitação da remessa de lucros para o exterior, reforma agrária e direito de greve.

Comício em Brasília

O Sindicato dos trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Brasília promoveu um grande comício na Cidade Livre, que contou com a participação entusiástica de mais de cinco mil trabalhadores. Ao ato estiveram presentes líderes sindicais de São Paulo e da Guanabara, e inúmeras autoridades, entre as quais o sr. Luís Tôrres, secretário de Segurança e Interior.

No Estado do Rio

No Estado do Rio, sob a liderança do Conselho Sindical Estadual, e dos Conselhos Municipais, os trabalhadores comemoraram o Primeiro de Maio realizando grandes comícios em Niterói, Campos, Petrópolis, Barra Mansa e outras cidades. O governador do Estado, sr. Celso Peçanha, estêve presente a vários atos, e ofereceu, no dia 30, um almôço aos dirigentes sindicais no Estado Caio Martins, em Niterói, quando lhe foi entregue um memorial contendo as reivindicações dos trabalhadores fluminenses.

10 000 pessoas aplaudem Prestes

Mais de dez mil pessoas, presentes ao grande comício da Praça da Bandeira, aplaudiram delirantemente o discurso pronunciado pelo camarada Luiz Carlos Prestes, em nome dos comunistas brasileiros.

Na Guanabara

Como nos demais Estados, as comemorações do Primeiro de Maio na Guanabara foram promovidas pelos próprios trabalhadores, através das suas entidades representativas. Sob o comando da Comissão Permanente das Organizações Sindicais, os cariocas realizaram um grande comício na Praça da Bandeira, com a presença de mais de 10 mil trabalhadores. O ato foi precedido de inúmeras passeatas pelas principais ruas e bairros da cidade.

O governador Carlos Lacerda tudo fêz para impedir o êxito das comemorações do Primeiro de Maio no mais nôvo Estado da União. Além de negar-se a promover a ornamentação do local e a instalação do palanque, que antes havia prometido, o governador da Guanabara promoveu um jôgo de futebol no Maracanã, com entrada franca, na mesma hora em que se realizava o comício. Outros atos foram promovidos pelas autoridades estaduais, em vários bairros da cidade, na mesma hora do grande ato programado pelos sindicatos. O Repórter Esso, em sua edição das 12,55 horas, chegou a noticiar que apenas dois ou três sindicatos haviam aderido ao comício da Praça da Bandeira. O fato é que a maioria esmagadora das entidades sindicais compareceu ao comício, conduzindo as suas bandeiras, e oferecendo um belo espetáculo de unidade.

Presença de Prestes

Como no ano anterior, os trabalhadores aplaudiram a presença do líder comunista Luiz Carlos Prestes em seus atos de comemoração do Primeiro de Maio. Prestes percorreu vários sindicatos durante o dia, e à tarde compareceu ao comício da Praça da Bandeira, onde dirigiu, em nome dos comunistas brasileiros, uma saudação ao proletariado carioca. Ao comício da Praça da Bandeira estiveram presentes ainda os deputados federais Sérgio Magalhães e Tenório Cavalcanti, o representante do ministro do Trabalho, os deputados estaduais Paulo Alberto, Roland Corbisier e Hércules Corrêa dos Reis. O sr. João Goulart, não tendo comparecido ao ato, enviou uma mensagem aos trabalhadores.

Proclamação

Depois de haverem falado vários oradores, entre os quais os líderes Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores; Argemiro Rocha Júnior, em nome dos sindicatos cariocas; Benedito Cerqueira, em nome da CPOS; Oliveiros Guanais, presidente da UNE, José Paulo da Silva, da União dos Portuários. O dirigente sindical Roberto Moreno leu a seguinte proclamação, que já havia sido aprovada e aplaudida pelos trabalhadores cariocas em dezenas de atos realizados anteriormente em suas entidades sindicais:

"Aos trabalhadores, ao povo e às organizações sindicais do Estado da Guanabara"

Em 1.º de Maio, sob as bandeiras gloriosas de nossas organizações sindicais, com o pensamento voltado para a luta que tôda a nação e o povo brasileiro travam para conquistar a sua independência econômica e política os trabalhadores, militantes e dirigentes sindicais, reafirmaremos nossa inquebrantável decisão de manter e ampliar nossa unidade e nossa organização para obtermos as nossas reivindicações e direitos.

Nós, os trabalhadores, estamos cada vez mais integrados nos grandes combates para a emancipação de todo o povo. Neste momento histórico, dentro dos movimentos populares contra a opressão e a exploração impiedosa do colonialismo e o imperialismo contra as nações subdesenvolvidas, nos dirigimos a todos os patriotas, democratas e nacionalistas, para que ampliemos e reforcemos a grande frente de luta emancipadora e libertadora de nossa Pátria.

Unidos, não consintamos que o fruto do trabalho do povo brasileiro seja levado, ano após ano, para o exterior. Não permitamos que as inversões de capitais estrangeiros liquidem a indústria nacional e retardem nosso progresso. Que o desenvolvimento da nação não seja feito em benefício dos grandes capitalistas estrangeiros e nacionais, mas de forma independente e em favor do povo laborioso. Somos pela condenação dos que roubam o povo, mas exigimos, em primeiro lugar, a punição dos que espoliam o país e levam o produto de nosso suor para o exterior.

Estreitaremos nossas fôrças com os parlamentares, numa ação comum, para a rápida tramitação e aprovação de leis que coíbem a exploração e a sangria na economia nacional, pela derrogação de acôrdos lesivos à soberania da nação e de leis medidas que restringem a livre manifestação popular.

TRABALHADORES:

Unamo-nos nos locais de trabalho e em nossas organizações sindicais para lutar vantajosamente pelo aumento dos salários e vencimentos, revisão do salário mínimo, para fazer face ao crescimento do custo de vida agravado agora pelas conseqüências da Instrução 204 da SUMOC.

Unamo-nos, lutemos para que sejam aprovadas as leis antitrustes, limitação da remessa de lucros para o estrangeiro, prorrogação da lei do inquilinato e outras de defesa dos salários, isenção de impôsto de renda para salários até 5 vêzes o maior salário-mínimo, salário móvel e profissional e pela reforma agrária que dê terra aos que nela queiram trabalhar.

Unamo-nos, para defender nossos direitos: direito de greve, livre organização sindical e popular e do cumprimento da Lei Orgânica da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais, e escolas públicas para o povo.

Lançamos um veemente apêlo a todos para que ingressem e reforcem nossas organizações sindicais e para unificar nossas fôrças nos locais de trabalho, para que possamos vigiar o fiel cumprimento das leis sociais.

Solidarizemo-nos com os povos coloniais que lutam heròicamente por sua emancipação, apoiemos os que defendem a liberdade de tôdas as nações e concitemos ao presidente da República a manter com firmeza sua política de respeito a autodeterminação de todos os povos.

Reforcemos e ampliemos a luta pela vitória completa de Revolução Cubana, organizando a solidariedade nos locais de trabalho. Derrotemos a intervenção dos trustes e monopólios norte-americanos que armam e sustentam os inimigos da liberdade do grande povo de Cuba.

Solidariedade com todos os trabalhadores e povos da América Latina e de todo o mundo na luta pela paz, desarmamento, progresso e bem-estar da humanidade, estreitando nossas relações com tôdas as nações e povos do universo.

Unamos nossas fôrças com as de todo o proletariado internacional, numa união fraternal de luta em prol de nossa completa emancipação.

Viva o 1.º de Maio, expressão da unidade nacional e internacional dos trabalhadores.

Rio de Janeiro, GB, 25 de abril de 1961.

O EXECUTIVO DA COMISSÃO PERMANENTE DAS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS DO ESTADO DA GUANABARA

Defende Teu Direito

VIGIA — Percebendo apenas o salário mínimo, assiste ao vigia o direito ao adicional de 20% sôbre as horas de trabalho noturno. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 1 090/60), Relator: Ministro Delfim Moreira.

Tem o vigia direito ao cômputo da hora noturna na base de 52 minutos e 30 segundos. A Constituição estabelece princípios genérico em relação ao salário noturno, sempre superior ao diurno, sem distinguir entre profissionalidades. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. RR 2 304/60), Relator: Ministro Pires Chaves.

Não mais prevalece o art. 62 da Consolidação das Leis do Trabalho, excluindo os vigias das garantias relativas à duração do trabalho, face à expressa ordenação constitucional que assegura maior remuneração ao serviço noturno. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. RR 1 765/60), Relator: Hildebrando Bisaglia.

Não é exato que aos vigias não se estenda a proteção da lei, no tocante ao trabalho noturno. De duas uma: ou se reconhece que o art. 62 da Consolidação empregou o vocábulo capítulo por seção, ou se admite que o vigia não tem direito ao intervalo para alimentação e descanso, repouso semanal, registro de horário, etc. Tão absurdo seria isso que a impropriedade vocabular ressalta. E, por outro lado, nem a Constituição permitiria tal sistema, pois que impõe seja o salário noturno sempre superior ao diurno. Ora, já prevista a percentagem correspondente, pela lei ordinária, não tem fundamento algum o argumento de que a norma constitucional depende de regulamentação. Nesse sentido existem vários pronunciamentos do Supremo Tribunal Federal. Ac. TST — Pleno (Proc. 1 844/59), Relator: Ministro Tostes Malta.

A Constituição assegura melhor remuneração pelo trabalho noturno, sem estabelecer qualquer limitação. As disposições da lei ordinária que retiram ao empregado o direito ao adicional pelo trabalho noturno são flagrantemente incompatíveis com a norma constitucional vigente. Esta é clara, sem restrições, imperativa: «salário do trabalho noturno superior ao diurno» (art. 157, nº III). Assim, vigia ou empregado, ou não, pouco importa. Basta que o trabalho seja noturno para que êle faça jus ao respectivo adicional. A Carta Magna não faz distinções quanto à natureza do trabalho ou à categoria profissional. Ac. TST — Pleno (Proc. 2 577/58), Relator: Geraldo Bezerra de Menezes.

Embora sendo de dez horas o horário normal do vigia, faz êste jus às horas excedentes de oito, se ganha apenas o salário mínimo. Não importa receba êle mensalmente, pois o salário mínimo tem base horário e não mensal. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 797/58), Relator: Télio Monteiro.

Ao vigia, que trabalha dez horas diárias, deve ser pago salário correspondente ao número de horas trabalhadas. Assim, executando uma jornada de dez horas e percebendo apenas o salário mínimo, tem êle direito a receber mais duas horas diárias, embora não consideradas extraordinárias. O salário mínimo é estipulado para oito horas de trabalho por dia. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 864/58), Relator: Juiz Délio Maranhão.

B. Calheiros Bomfim

FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA REELEGEM OS SEUS LÍDERES E COMEÇAM NOVAS LUTAS

Durante o biênio 1959-1961, os ferroviários da Leopoldina participaram de grandes lutas e conquistaram significativas vitórias. À frente dessas lutas sempre estêve a Diretoria do Sindicato, composta de homens honestos, combativos e inteiramente dedicados aos interêsses da classe. Por isso é que os ferroviários da Leopoldina resolveram apresentar uma única chapa para as novas eleições, encabeçada por aquêles que já se revelaram autênticos líderes da classe, e que são: Demistoclides Btista, Herval Arueira, Wander Esquerdo, Ignácio José da Gama Medeiros, Manoel do Couto, Milso Ferreira da Silva, Alcebiades Barbosa, Hermani Fernandes Pacheco, Délio Vasconcelos, Antônio Maria Pôrto, Walter Portilho, João de Souza, Geraldo da Costa Mattos, Antenor Aguiar Filho, Saturnino da Silva, Nemo Ribeiro de Miranda e Antônio Alpheu da Matta.

Programa

Os componentes da nova Diretoria conclamam todos os ferroviários da Leopoldina a lutarem pela conquista das seguintes reivindicações:

1) Aplicação do Plano de Classificação de Cargos e Funções com a organização do novo quadro do pessoal, garantidos os direitos e vantagens adquiridos; 2) Aplicação efetiva da nova lei orgânica da Previdência Social; 3) Aquisição de nova sede central e de Delegacias Sindicais no interior; 4) Obrigatoriedade do respeito à duração do trabalho para o pessoal do tráfego e da via permanente; 5) Reaparelhamento e modernização do parque ferroviário da E. F. Leopoldina; 6) Aquisição de um dormitório em Barão de Mauá para os companheiros do interior em trânsito; 7) Extensão de todos os direitos aos companheiros admitidos posteriormente ao advento da Rêde Ferroviária Federal S. A.; 8) Preferência aos filhos e dependentes de ferroviários para efeito de admissão nos serviços da Estrada; 9) Efetiva assistência do Departamento de Assistência ao Ferroviário — DAF — bem como do Fundo de Assistência Social; 10) Respeito ao dispositivo regulamentar — art. 114 do Regulamento do Pessoal — que dispõe da obrigatoriedade da Estrada fornecer gêneros de primeira necessidade a preços especiais; 11) Efetiva assistência aos problemas dos companheiros aposentados e pensionistas; 12) Estímulo ao intercâmbio cultural-esportivo entre os ferroviários; 13) Construção pela emprêsa de uma creche em Barão de Mauá para os filhos das companheiras ferroviárias; 14) Realização no ano em curso da II Conferência Sindical em Pôrto Novo; 15) Cumprimento pela emprêsa em tôda a sua extensão do preceito constitucional de instrução obrigatória e gratuita aos ferroviários e seus dependentes; 16) Por melhores condições higiênicas nos locais de trabalho.

Nilópolis: Grande Comício de 1º de Maio

NILÓPOLIS (Do correspondente Diogo Soares Cardoso) — Nilópolis comemorou o 1.º de Maio com um comício no dia 30, organizado pelos trabalhadores e uma festa no Colégio Filgueiras, em homenagem aos trabalhadores e por motivo do aniversário do Colégio.

As organizações sindicais dos trabalhadores em Carnes e Derivados, Metalúrgicos, Sapateiros e União Nacional dos Servidores Públicos, organizaram um ato público, na Praça Paulo de Frontin, às 18,30 horas. O comício foi bastante animado, centenas de pessoas acorreram à Praça para ouvir os debates, em que se protestou contra a fracassada invasão de Cuba e a Instrução 204 da SUMOC, reafirmando-se a decisão do povo de lutar por melhores dias para o povo, pela reforma agrária, pelo direito de greve e pela aplicação da Lei Orgânica da Previdência Social e outras reivindicações dos trabalhadores. Essas afirmações foram feitas por todos os líderes operários presentes ao ato público, que decidiram enviar uma mensagem ao presidente da República solicitando a revogação da Portaria 204, causadora da nova onda de aumento de gêneros alimentícios indispensáveis ao povo.

Falaram no ato os srs. Paulo Coutinho, pela UNSP de Nova Iguaçu; José Pereira do Nascimento, pelo Sindicato dos Metalúrgicos; Euclides Batista, pelo Sindicato dos Hoteleiros da Guanabara; Antônio Lopes Gonçalves, pela Comissão Organizadora do ato; Francisco Dias Lacerda, camponês, em nome da Associação dos Camponeses de Japery; Ulisses Joaquim da Silva, falou pelo Sind. da Indústria Química de Nova Iguaçu; o deputado Jorge Bedran, secretário do Trabalho do Estado do Rio, representando o govêrno do Estado e prometendo distribuir terras aos camponeses do Estado do Rio; o sr. Badger Silveira, que em visita ao município, compareceu ao comício e saudou os trabalhadores; Francisco Gonçalves Palmares, pelo Sindicato de Carnes e Derivados de Nilópolis; Amaro Linge, camponês, em nome da Associação dos Lavradores de Pedra Lisa e da Federação dos Lavradores do Estado do Rio. Por fim, encerrando o ato público, falou o sr. Severiano Ferreira Soares, em nome do Conselho Intermunicipal de Nilópolis e Nova Iguaçu.

Estiveram presentes os srs. Glênio Peçanha, representando o deputado Aarão Steinbruck; Mário Horne, representando o deputado Bocaiúva Cunha; o deputado Raul Silva Júnior, acompanhando o ministro Badger Silveira; Antero Melo, dirigente nacionalista local e o vereador Carlos Alves de Oliveira Filho, também acompanhante do sr. Badger Silveira. Não se fizeram representar, apesar de convidados, o prefeito de Nilópolis, Alfredo Almeida Alentejano e a Câmara Municipal.

O ato de 1.º de Maio foi o mais concorrido dos últimos anos em Nilópolis.

No Colégio Filgueiras

A festa teve início às 5 horas, com alvorada pela Banda Marcial do Colégio, com passeata pelas principais ruas da cidade. Hasteamento do Pavilhão Nacional, às 8 horas. Solenidades cívicas, constando de sessão solene alusiva à data, reinstalação e posse da Diretoria do "GRÊMIO RIO BRANCO". As 10 horas, inauguração das novas instalações do JARDIM DA INFÂNCIA. As 10.30 horas, inauguração de melhoramentos na Praça de Esportes do Colégio. As 10.45 horas, provas desportivas entre alunos dos turnos. As 20.30 horas, noite dançante.

Trabalhadores Fluminenses Festejaram 1º de Maio Reivindicando em Praça Pública

As comemorações dos trabalhadores fluminenses pelo transcurso do Primeiro de Maio foram das mais amplas já realizadas no Estado do Rio. O povo fluminense saiu às ruas, em comícios, passeatas, atos públicos e diversas solenidades, enaltecendo os feitos da classe operária brasileira e reiterando a sua disposição de luta pelas mais prementes reivindicações visando à obtenção de melhores condições de vida.

Nas praças públicas, dezenas de oradores levantaram as aclamações da massa ao tratarem da crescente carestia de vida e das medidas que o povo exige para a sua superação, dentre as quais ressalta a anulação da recente Instrução 204, a concessão de aumento geral de salários e instituição do salário móvel. Em todos os comícios foi reclamada a necessidade urgente de ser dada legalidade ao Partido Comunista do Brasil bem como a de que sejam garantidas e ampliadas as liberdades democráticas no país.

Os trabalhadores expressaram sua mais veemente solidariedade ao povo cubano, ao mesmo tempo em que se declararam contrários a qualquer tipo de intervenção na primeira nação socialista da América.

Foram enviadas diversas mensagens a autoridades brasileiras, inclusive ao presidente Jânio Quadros, expressando os pontos-de-vista dos trabalhadores fluminenses, externados nas comemorações de 1º de Maio.

Em Niterói

Mais de 5 mil pessoas assistiram, na Praça Enéias de Castro, no Barreto, ao comício organizado pelos trabalhadores niteroienses. Dentre os presentes, salientaram-se os srs. Celso Peçanha, governador do Estado, prefeito Wilson Oliveira, de Niterói, Joaquim Pedro Mayrink Filho, presidente do Conselho Sindical de Niterói e presidente do Sindicato dos Rodoviários, Gabriel Alves de Oliveira, do Sindicato da Construção Civil, Alvaro Ventura, representante dos operários navais, Hugo Miller, assessor sindical do govêrno, sra. Maria Alice, da Associação Feminina Fluminense, Nelson Rocha, secretário de Saúde e Assistência, Horácio Valadares, em nome dos comunistas fluminenses, além de inúmeras outras pessoas.

Em Petrópolis

Os trabalhadores petropolitanos realizaram comício na Praça da Liberdade, ao qual compareceram cêrca de mil pessoas. Estiveram presentes e fizeram uso da palavra os srs. Alvinno Alves, presidente da Associação de Pedra Lisa, José Maria Barbosa, presidente do Sindicato dos Têxteis, Enaldo Cruz, presidente da Associação dos Estudantes, deputado estadual Jair Araújo, Nelson Sá Earp, prefeito municipal, coronel Gumercindo Pinto Barreto, deputado federal Bocayuva Cunha, Opildes Horácio da Silva, presidente do Conselho Sindical Municipal e outros.

Em Itaboraí

Neste município realizou-se uma passeata, que partiu de sua sede atingindo a localidade de Venda da Pedra, tendo também sido realizado um comício, destacando-se entre os oradores o sr. Rafael Francisco de Almeida, representante do Conselho Sindical Estadual.

Em Nova Iguaçu

O comício de Nova Iguaçu foi dos mais concorridos, tendo tido uma afluência de mais de 5 mil pessoas, que ouviram com atenção e entusiasmo as palavras dos oradores, principalmente dos srs. Antônio Lopes Gonçalves, representando o município de Nilópolis, deputado Jorge Bedran, secretário do Trabalho do Estado do Rio, governador Celso Peçanha, Severiano Soares, representante da UNSP, Francisco Lacerda, presidente dos camponeses de Pedra Lisa Leonardo José de Oliveira, presidente da Associação Camponesa de Japeri, vereador Abadiel Duarte, presidente da Câmara de Nova Iguaçu, vereador Nilo Dias Teixeira, professor Joaquim de Freitas, presidente do Partido Social Democrático, de Queimados, Paulo Coutinho, em nome dos comunistas de Nova Iguaçu, deputado federal Saturnino Braga e Luís Gonzaga Macedo, do Conselho Sindical.

O comício foi encerrado com um grandioso espetáculo de artistas de rádio e televisão, dirigidos pelo cômico Grande Otelo.

Em Campos

CAMPOS (do Correspondente) — As comemorações do Primeiro de Maio foram as maiores dos últimos anos neste município. Houve alvorada, torneio de futebol entre os clubes operários (venceram os ferroviários), palestra do Prof. Tarciso Tupinambá no Sindicato dos Ferroviários (presente a sra. Celso Peçanha e o secretário da Justiça, deputado João Rodrigues de Oliveira), passeata e comício. O comício, realizado na Praça S. Salvador, contou com a participação de 3 mil pessoas, sendo irradiado por 2 estações locais. Falaram os srs. Antônio João de Faria, Herval Arueira, Amaro Gomes, João Rodrigues de Oliveira, Jaci Barbeto, João Bento e Adão Pereira Nunes. Foi lida uma mensagem dirigida ao governador do Estado, com centenas de assinaturas, apresentando as reivindicações dos trabalhadores campistas. Os oradores, todos entusiàsticamente aplaudidos, condenaram a agressão imperialista a Cuba, protestaram contra a política econômico-financeira de Jânio (Instrução 204) e a carestia de vida, reclamaram do aumento de salários e as demais reivindicações dos trabalhadores.

Em Caxias

CAXIAS (do Correspondente) — Os trabalhadores dêste município festejaram amplamente a sua grande data. As comemorações do Primeiro de Maio vinham sendo preparadas desde o dia 13 pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores, que patrocinou as palestras, realizadas em vários sindicatos, pelos srs. Jover Teles, Roberto Saturnino Braga e Henrique Miranda. No dia 1º, realizou-se o grande comício na Praça da Emancipação, com a presença de 2 mil pessoas. Falaram nesse ato os srs. Saturnino Braga, Guiomário Gomes de Birto, Cressine de Almeida, Teles Escobar, White Abraão, Romeiro Junior, Climério Soares, Otacílio Dias e Roberto Saturnino Braga. Após o comício em que foram condenadas a Instrução 204 e a política de esfomeamento seguida pelo atual govêrno, teve lugar uma passeata até a sede da antiga Prefeitura, onde foi solenemente inaugurada a Exposição de fotografias e gráficos sôbre as realizações de 2 anos de Govêrno Revolucionário de Cuba. No ato falou o deputado Valdir Medeiros.

SOLIDARIEDADE A CUBA: BRASILEIROS PARTICIPARAM DO 1º DE MAIO EM HAVANA

Grande delegação brasileira, na qual figuram parlamentares federais e estaduais, dirigentes sindicais e estudantis, intelectuais e camponeses, viajou para Cuba no dia 29 último, a convite do primeiro-ministro Fidel Castro, para participar dos festejos do 1º de Maio e das comemorações para celebrar o nascimento do primeiro Estado socialista na América.

Expressiva pelo número de componentes, mais de meia centena, a delegação levou a mensagem de solidariedade do povo brasileiro ao povo cubano em sua luta contra o imperialismo, solidariedade essa demonstrada em grandes manifestações realizadas nas praças públicas das grandes cidades do país durante os dias que marcaram a invasão de Cuba pelas fôrças contra-revolucionárias.

A delegação viajou em dois grupos. Um que partiu do Rio de Janeiro e outro do Recife. No primeiro figurava o vice-governador de Santa Catarina, deputado Doutel Andrade, os deputados federais Bento Gonçalves, Osmar Cunha, Jonas Bahiense, Edvaldo de Oliveira Flores, Silvio Braga, Waldir Simões, Celso Brant, Clidenor de Freitas Santos e Aloísio Nonô entre outros. Seguiram também jornalistas de diversos órgãos da imprensa guanabarina. No segundo grupo, além do deputado Francisco Julião e numeroso grupo de dirigentes das Ligas Camponesas, viajaram [illegible] e parlamentares estaduais de diversos Estados do Nordeste.

Jânio a Fidel: Brasil defende autodeterminação

Em telegrama enviado ao presidente Dorticós e ao primeiro-ministro Fidel Castro, o presidente Jânio Quadros assegurou mais uma vez a disposição do govêrno brasileiro de defender o direito de autodeterminação e a soberania do povo cubano.

A mensagem tem o seguinte texto: «Acuso mensagem transmitida Vossa Excelência intermédio nossa Embaixada pela qual ratifico nesta oportunidade ilustre presidente e seu govêrno propósito várias vêzes manifestado pelo Brasil de ver respeitado neste Continente o princípio da autodeterminação dos povos e a efetiva soberania de tôdas as Nações. Coincidentemente meu govêrno estará sempre pronto promover quaisquer gestões julgadas úteis manutenção clima harmonia entre os países de nosso hemisfério em benefício da paz e da prosperidade nas Américas e no mundo. Receba Vossa Excelência expressões meu respeito.»

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmon Borges

Secretário
Luiz Fernando Cardoso

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redatores
Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azêvedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8.º andar — s/827
Tel: 37-52 64
Endereço telegráfico — "NOVOS RUMOS"
ASSINATURAS

Anual	Cr$	5[illegible]
Semestral	"	250,00
Trimestral	"	130,00
Aérea anual, mais	"	200,00
Aérea semestral, mais	"	100,00
Aérea trimestral, mais	"	50,00
Número avulso	"	10,00
Número atrasado	"	16,00

GUERRA: SOLUÇÃO OU SUICÍDIO?

E' Incurável a Enfermidade da Economia Norte-Americana

Por mais que os imperialistas norte-americanos desejem dissimular as fontes de suas inquietações, não é difícil descobrir que a causa última do seu desespêro é a enfermidade incurável de que sofre a economia dos Estados Unidos. E tanto mais grave é o mal, quanto, em contraste, o sistema mundial do socialismo desenvolve-se a largos passos e floresce em todos os domínios da atividade humana.

A Segunda Guerra Mundial constituiu uma fonte de montanhas de lucros para os monopólios norte-americanos. E essa situação excepcionalmente favorável ao imperialismo dos Estados Unidos prolongou-se por vários anos, ajudada em grande medida pela posição de inferioridade ocupada pelos outros países capitalistas atingidos pela guerra. Uma série de indícios faz crer que chegaram ao fim os anos dourados do imperialismo norte-americano.

Quatro crises depois da guerra

Apesar das condições excepcionalmente favoráveis com que contava, a economia norte-americana já enfrentou depois da última guerra nada menos de quatro crises de superprodução. Deram-se elas em 1948-49 (com 14 meses de duração e uma perda de 46 bilhões de dólares no produto nacional bruto); em 1953-54 (duração: 9 meses e perda de 33 bilhões de dólares); em 1957-58 (duração: 8 meses e prejuízos de 35 bilhões de dólares) e, finalmente, a crise em que ainda estão mergulhados os Estados Unidos, desde setembro do ano passado. Os meses indicados de duração das crises não significam que nos restantes a economia dos Estados Unidos se tenha caracterizado por períodos de ascenso. Assim, a partir de agôsto de 1948 até abril de 1958, a produção norte-americana cresceu sòmente durante 80 meses; nos restantes 36 meses, a produção ou decresceu ou se manteve estagnada.

Uma trágica ironia

Os últimos discursos pronunciados pelo presidente Kennedy recordam vivamente as histéricas arengas de uma outra figura que a história já sepultou: Adolf Hitler. Num dêsses discursos, todavia, o sucessor de Eisenhower pretendeu debitar ao nosso tempo o drama terrível em que vive a economia do seu país. Disse êle: «É uma das trágicas ironias do nosso tempo que justamente no momento em que nosso poderio econômico livre se converteu na chave da fôrça econômica do mundo livre, levemos uma vida que inclui extenso desemprêgo, setores importantes de depressão, instalações industriais que trabalham em ritmo inferior à sua capacidade e um índice de crescimento mais baixo do que a maioria das nações industriais, e muito inferior ao de nossa própria capacidade de crescimento».

Nesse simples período, resumiu Kennedy tôda a fragilidade do gigantesco edifício norte-americano. Evidentemente, o fato de que não consigam os imperialistas norte-americanos curar ou sequer minorar os males que êles próprios são capazes de diagnosticar, não significa — longe disso! — apenas uma «ironia do nosso tempo». Indica, pelo contrário, que se trata de males incuráveis nos marcos do capitalismo e que resultam de um incomensurável agravamento da contradição básica do capitalismo: o caráter cada vez mais social da produção, ao lado da apropriação capitalista, privada. A capacidade de produzir, imensa; a de consumir, reduzida.

O desemprêgo

O professor Paul Samuelsson é um dos mais decantados economistas norte-americanos. Livros seus, traduzidos para o português, são indicados em nossas escolas de economia. Atualmente, é apontado como o principal conselheiro econômico de Kennedy. Que diz êle? Acaso prevê um futuro melhor para os trabalhadores norte-americanos? Pelo contrário. Seus prognósticos — talvez otimistas — são no sentido de que a mão-de-obra sem colocação nos Estados Unidos crescerá êste ano para 7,5% do total dos trabalhadores norte-americanos. Durante os últimos quatro meses, a taxa de desemprêgo — segundo o Departamento do Trabalho — manteve-se acima dos 6,5%. E das 150 principais áreas industriais norte-americanas nada menos de dois terços sofrem de «desemprêgo substancial». Entre meados de fevereiro e meados de março, o número total de desempregados bateu um novo recorde para o mês desde o início da última guerra: 5 milhões e 600 mil (segundo dados oficiais) pessoas.

Tampouco é animador o ritmo com que vem aumentando o número de empregos nos Estados Unidos. Assim, se entre 1948 e 1953, incorporaram-se à produção 5 milhões e 200 mil pessoas, entre 1953 e 1957 tal número reduziu-se para 2 milhões e 500 mil e nos três anos transcorridos entre 1957 e 1960 o número de novos trabalhadores incorporados à produção não foi além de 733 mil.

Ora, num país com acentuada expansão demográfica, como os Estados Unidos, (a taxa de aumento da população é de cêrca de 1,8% ao ano) a diminuição da capacidade de absorção de mão-de-obra é a pior condenação que pode ser ditada contra as novas gerações. Pois é esta a perspectiva que o desenvolvimento da técnica — sobretudo a mecanização e a automatização na indústria — abre para o futuro dos trabalhadores norte-americanos.

Perdendo terreno

Um destacado economista norte-americano, o professor Malcolm McNeir, da Universidade de Harvard, em entrevista a uma revista norte-americana, há quatro meses, estimou que o ano de 1961 para a economia do seu país será semelhante ao de 1960, isto é, de estagnação. Quanto ao futuro, porém, é menos otimista: «Eu me sinto menos confiante com relação à situação econômica do que em qualquer outro momento nos últimos 17-18 anos... Creio que o ano de 1959 marcou o término do período de pós-guerra, prolongado pela guerra da Coréia e também pelo episódio de Suez. Com o fim da década de 50 verificaram-se algumas modificações bastante grandes. Em primeiro lugar, se se falar de maneira muito grosseira, parece-me que os anos finais do último decênio foram testemunhas do começo do declínio dos Estados Unidos, como potência mundial. Em segundo lugar, em fins de 1959 as fôrças econômicas típicamente de pós-guerra esgotaram-se por completo e nós atingimos... os anos da encruzilhada. Em terceiro lugar, em fins da década de 50, os demais países capitalistas, com a nossa ajuda, e com bastante fundamento, alcançaram-nos na produção de bens de consumo civil. Em quarto lugar, por êsse tempo nós atingimos um excedente de potencialidade produtiva e uma diminuição que daqui decorre, das possibilidades de investimentos. Em quinto lugar, em conseqüência dessas diferentes modificações econômicas e da nossa própria política, entramos no período das crises do balanço de pagamentos.»

A guerra é solução?

E nesta encruzilhada que Kennedy, tal qual Hitler, apela para os «homens fortes» para que façam, êles próprios, o curso da História. Todavia, se a aventura de Hitler significou para o capitalismo a perda direta de 14 milhões de quilômetros quadrados e de uns 800 milhões de habitantes — que se incorporaram ao socialismo — outro passo em falso, se Kennedy se animasse a dá-lo, seria o fim do capitalismo sôbre a Terra. Porque os homens realmente fortes são os que estão com a história, em cada momento histórico.

Galvão defende o colonialismo em Angola

Numa infeliz entrevista ao «Jornal do Brasil», na última semana, o capitão Humberto Galvão, nome que se tornou bastante popular graças à proeza do «Santa Maria», pronunciou-se contra a independência de Angola. O sr. Galvão não apresenta qualquer argumento convincente para fundamentar o seu ponto de vista. Limita-se a repetir o eterno chavão dos colonialistas: a população de Angola não tem condições para autodirigir-se, seu nível cultural é muito baixo, são pouco numerosos os seus quadros intelectuais, etc. Tudo, enfim, quanto tem sido dito anos afora pelos defensores do colonialismo.

É um raciocínio inteiramente falso. Para refutá-lo não é necessário apresentar ao sr. Galvão argumentos de natureza teórica, matéria pela qual, aliás, êle parece não ter muitas preocupações. Basta apresentar-lhe a realidade dos nossos dias: as dezenas de novos Estados, especialmente na África, formados nos últimos tempos. Eram, todos êles, colônias contra cuja independência os ideólogos e políticos colonialistas utilizavam a mesma obscurantista alegação. Êsses novos Estados, porém, uma vez conquistada a autodeterminação e constituídos como unidades soberanas, passaram a experimentar um impressionante florescimento, realizando em poucos anos o que os colonialistas — sábios e cultos — não fizeram, porque não lhes convinha fazer, em dezenas e centenas de ano.

A verdade está no oposto do que diz o político português: Angola, como qualquer outra colônia, sòmente poderá tornar-se um país de elevado padrão cultural depois de conquistar a sua independência. Essa é uma condição prévia, indispensável. Porque enquanto se mantiver o domínio estrangeiro — particularmente, no caso de Angola, quando êsse domínio é exercido por um país que não prima pelo avanço técnico e científico — tôdas as possibilidades de acesso do povo à cultura estarão barradas. Os angoleses estão adquirindo consciência dêsse fato e por isso preferiram não esperar que Portugal resolva criar em sua colônia as escolas, universidades e centros culturais que não instalou até agora, nem jamais instalará.

Ao levantar-se contra a ditadura fascista de Salazar o sr. Galvão contou com o apoio maciço do povo brasileiro e de todos os homens amantes da liberdade no mundo inteiro. Ao defender, porém, o colonialismo, sob qualquer disfarce, o sr. Galvão só pode decepcionar os que admiraram a sua coragem e a sua decisão de luta.

A Revolução Cubana e o Prof. Jaguaribe

ALMIR MATOS

Através de três artigos que mereceram as honras de páginas inteiras do «Jornal do Brasil», o sr. Hélio Jaguaribe, antigo professor do ISEB e hoje próspero industrial, propôs-se o modesto objetivo de «reformular, de modo mais consistente e claro, o sentido da Revolução Cubana, a posição de Cuba no contexto da guerra-fria e, final e decorrentemente, a posição que o Brasil deva adotar em relação a tais eventos». Deve-se lembrar, aliás, para fazer-lhe justiça, que é tradicional no sr. Jaguaribe a tendência às reformulações. Há cêrca de dois anos, dando lugar a uma ruidosa polêmica, pretendeu êle reformular o nacionalismo brasileiro e, sôbre essa base, traçar uma nova política de petróleo, em oposição ao monopólio estatal.

Em tese, só pode ser louvável o desejo de renovar ou substituir velhas fórmulas: é assim que avança o pensamento e são dadas soluções mais justas para os diferentes problemas. Mas para isso é preciso que as fórmulas originais tenham realmente caducado e que as novas fórmulas reflitam de fato os processos em desenvolvimento. E aí está o ponto fraco do sr. Jaguaribe: às suas reformulações faltam sempre os fundamentos da realidade. Quanto ao petróleo, as idéias do ex-professor do ISEB, se adotadas, levariam irremediàvelmente à liquidação da Petrobrás, para a incontida alegria da Standard Oil. E agora, no que se refere a Cuba, conduziriam simplesmente a negar-se qualquer possibilidade dêsse país existir como Estado nacional. Como se vê, tanto em um como em outro caso o sr. Jaguaribe chega a resultados lamentáveis. E isso por dois motivos principais: socialmente, porque se situa nas posições da burguesia e, assim, é incapaz de perceber os fenômenos em sua plenitude; intelectualmente, porque faz uso de um método de análise idealista e voluntarista, envolvendo-se afinal numa absoluta e incorrigível conclusão.

No caso da revolução cubana, jamais o sr. Jaguaribe conseguiria reformular o seu sentido negligenciando ou tergiversando, como faz, as suas origens e alguns dos seus mais importantes momentos históricos. E isso, ao lado de uma avaliação inteiramente arbitrária e errônea do presente panorama mundial, é o que explica as falsas conclusões a que chega.

Para o tortuoso articulista não existia nenhuma relação direta entre a luta desencadeada por Fidel Castro e seus legendários companheiros e as fôrças sociais atuantes em Cuba. Tudo se reduz a uma romântica aventura, que só pôde chegar ao triunfo graças à «fraqueza intrínseca» da ditadura de Batista. Entretanto, bastaria ao sr. Jaguaribe ler o discurso pronunciado por Fidel Castro em 1953 — sua famosa defêsa ante o tribunal. A História me absolverá — para talvez compreender as vinculações nacionais e de classes da guerra de guerrilhas. Já então Fidel Castro, apesar de ainda não dominar em tôda a sua profundidade o processo revolucionário cubano, não era um romântico sem idéias ou um agitador sem programa. Nem um lutador solitário que, tocado pela graça divina, prometesse a salvação. Os combatentes do Exército Rebelde encarnavam os interêsses da esmagadora maioria da população cubana. E por isso é que conseguiram triunfar sôbre um exército profissional de cêrca de 50 mil homens que teve, em todos os momentos, a orientação e a ajuda do govêrno norte-americano. Essa maioria era constituída, básicamente, pelas classes trabalhadoras: o proletariados, inclusive o rural, e o campesinato. E de janeiro de 1959 até hoje o que caracteriza o processo cubano é a luta dessas classes, em circunstâncias às vêzes bastante originais, para garantir em Cuba um Poder realmente revolucionário, capaz de assegurar a independência do país e nêle construir uma sociedade justa e humana. Não partindo daí, dos interêsses sociais em jôgo o sr. Jaguaribe só pode mesmo incorrer em erros desastrosos.

Erros como o de afirmar que o triunfo dos revolucionários foi «aclamado e festejado por todos os países (incluindo-se, naturalmente, os governos — AM) e ignorado pelo bloco soviético». E' falso. A realidade é que os imperialistas ianques fizeram tudo para impedir a ascensão de Fidel Castro ao Poder e, em seguida, afastá-lo. Essa foi a missão atribuída pelo Departamento de Estado ao embaixador William Pawley — confessada por êle próprio e por Batista — em dezembro de 1958. E êsse foi o sentido das sucessivas tentativas feitas pela direita de empolgar o Poder, tentativa de que resultaram as demissões de Miró Cardona, Urrutia e Hubert Matos. O sr. Jaguaribe, pelo visto, não compreende que o problema essencial das revoluções é a conquista e a manutenção do Poder — questão em tôrno da qual se trava a luta entre as correntes revolucionárias falsas ou vacilantes ou conseqüentes. Por isso não revela a menor preocupação em assinalar sequer a existência dessa luta, cujo desenlace, no entanto, decide dos destinos da revolução. Um nômeno de primordial significação deixa, por êsse motivo, de ser mencionado pelo sr. Jaguaribe, o que certamente não se dá por acaso: a traição da burguesia cubana, que preferiu entregar-se ao explorador estrangeiro, fazendo depender das armas ianques — cujo vergonhoso fracasso mostra muito bem a impotência do imperialismo — a restauração de seus antigos privilégios.

O sr. Jaguaribe evita êsses problemas, ou os confunde numa arrevesada terminologia e dá ênfase sobretudo às repercussões internacionais da revolução cubana. E nesse ponto, precisamente, em que poderia salvar-se, pois condena qualquer nova tentativa ianque de agressão, é que comete os maiores absurdos. Tudo, no fundo, porque o sr. Jaguaribe não compreende, ou não lhe convém compreender, o conteúdo essencial na época em que vivemos. Para êle o traço principal dos nossos tempos é a «contradição entre a unidade técnica e econômica do mundo contemporâneo e a multiplicidade das soberanias». Que alarmante descompasso político! Admitindo-se a contradição, só para acentuar o absurdo, ela não é exatamente dos dias atuais, mas de decênios. O que define a nossa época, prof. Jaguaribe, é a existência de um novo e superior sistema social — o socialismo, em incessante avanço — e, de outro lado, como o reverso da medalha, a definitiva e incontrolável decomposição do imperialismo e seu sistema colonial. Como se pode insistir em não perceber êsse fenômeno, tão evidente em tôdas as partes do mundo, inclusive agora em nossa América, graças à triunfante revolução cubana? Por que enredar-se em tão complicados e artificiais esquemas se estamos diante de uma realidade tão palpável e ao mesmo tempo tão brilhante?

Para o sr. Jaguaribe, entretanto, não existem sistemas, mas duas superpotências que disputam a hegemonia mundial. Quanto à URSS — uma dessas «superpotências» — todos os seus esforços são no sentido de difundir a convicção de que o socialismo soviético é o único regime apto a promover o desenvolvimento dos povos atrasados». Seria uma tolice, se não fôsse uma consciente deformação dos fatos. Que têm de «soviéticos» — a expressão, aprenda o sr. Jaguaribe, refere-se a uma forma específica de estrutura estatal, existente apenas na URSS, onde há os sovietes — os países atrasados da Ásia, da África e, agora Cuba, que mantêm com a União Soviética, assim como com todos os demais países socialistas, sólidas relações de amizade e se beneficiam de sua ajuda econômica e seu apoio político? De outro lado, por que ocultar que as agressões ianques contra Cuba nada têm a ver com tentativas de implantar a democracia (para os EUA a ditadura de Batista sempre foi o ideal), mas sim de restaurar os seus privilégios econômicos, de fazer o país voltar à semicolônia que era até 1959? Para quem se considera um ideólogo — é o caso do sr. Jaguaribe — não seria demais pedir que leia os jornais e, mesmo através dos telegramas de AP e da UPI, aprenda o sentido mais profundo dos acontecimentos que se desenrola nos dias atuais em todo o mundo. Para ajudar o ex-professor do ISEB podemos adiantar que, no que se refere à América Latina, êsses telegramas indicam que também em nosso Continente começou o fim do imperialismo. E não o ocaso dos nossos Estados nacionais. Não é uma grande coisa?

Nem tudo, porém, deve ser condenado: o sr. Jaguaribe se declara taxativamente contrário a uma nova agressão dos Estados Unidos contra Cuba, e isso merece aplausos. Mas ainda aí temos de chamar o ex-professor do ISEB à realidade. Não é exato que uma guerra dos Estados Unidos contra Cuba liquidaria, por ser a gloriosa ilha um dos «pequenos países da América Latina», as suas possibilidades de «autodeterminação». O mais provável é que semelhante intervenção possa deflagrar um conflito mundial, ao qual o imperialismo não poderia sobreviver.

O sr. Jaguaribe admite, porém, uma outra possibilidade, que todos os povos preferem: a de não se verificar a agressão americana e ser preservada a autodeterminação de Cuba e demais países latino-americanos, embora preconizasse antes o seu fim como Estado nacional. E' pena que o articulista, ao mesmo tempo em que repelia as agressões, defenda, uma vez afastado êsse perigo, um outro tipo de intervenção: a dos países que, como o Brasil e o México, se sentiriam então com autoridade para orientar a política externa e interna de Cuba. Nada disso, professor. A autodeterminação não pode ter limites: os povos soberanos é que determinam a sua própria política.

Entendimentos com missão da China Popular

Com a vinda ao nosso país de uma delegação da China Popular, chefiada pelo presidente do Conselho Chinês para o Comércio Exterior sr. Nan Han-chen, iniciaram-se as conversações oficiais para o estabelecimento de relações comerciais entre os dois países. Têrça-feira, reuniram-se no Itamarati os delegados chineses com o chefe do Departamento Econômico e outros funcionários. Em declarações prestadas à imprensa, o sr. Nan Han-chen afirmou que a República Popular Chinesa está em condições de fornecer ao Brasil maquinária pesada e leve, matérias-primas para a indústria, produção industrial leve, como tecidos e artigos especiais, particularmente do artesanato chinês.

Ainda no que se refere às relações com os países socialistas o sr. Jânio Quadros determinou, na última semana, que a missão atualmente cumprida na Europa pelo sr. João Dantas deve estender-se também à República Democrática Alemã.

Nota Econômica

204 AUMENTA AS VANTAGENS PARA O CAPITAL ESTRANGEIRO

Foi publicado há duas semanas, na imprensa de São Paulo, o Relatório da Diretoria da Sociedade Anônima Indústrias Votorantim, relativo ao ano de 1960. Assina-o o seu diretor-presidente, José Ermírio de Morais. Conforme se vem tornando praxe em documentos do gênero das grandes emprêsas, também êste relatório da Votorantim não se fixa apenas nos problemas da própria organização, mas faz também um exame de diferentes aspectos da situação econômica e financeira do país.

Consideramos oportuno, por isso, oferecer aos nossos leitores trechos do mencionado documento, referentes à famigerada Instrução 113 da SUMOC, embora discordemos de alguns conceitos ali emitidos. Depois de manifestar sua crença de que o govêrno «demonstra um conhecimento apreciável da situação em que se encontra o país», escreve o diretor-presidente da Votorantim:

«Certamente, o govêrno terá que sanear, sem demora, os efeitos da antiga Instrução nº 113, hoje regulamentada pelo decreto nº 42.820. Não é possível dar favores aos que pouco realizam no País, deixando à margem emprêsas nacionais que lutaram denodadamente para formar o pouco que possuímos, relegando-as a uma posição de grave inferioridade. Agora, com a abolição pràticamente do dólar de custo, o que aliás reputamos justo, mas que era na realidade a única defesa para emprêsas consideradas de valor econômico para o País, o problema tornou-se mais grave, pois essa vantagem desapareceu e os investidores estrangeiros são, no momento, os únicos que podem realizar empreendimentos de vulto.

«Não podemos contar sempre com os auxílios do Exterior; pois, cada país tem os seus problemas, muitos dos quais, bastante difíceis. Parte dos auxílios que aparecem, geralmente é em favor de emprêsas ligadas ao Exterior, que têm a vantagem de serem mais conhecidas das organizações bancárias estrangeiras...» Vários países do continente americano deixaram-se arrastar pelo investimento estrangeiro, a tal ponto que, presentemente, não podem efetuar uma política de defesa dos seus próprios interêsses.

«Outro ponto que não devemos esquecer é relativo à importação de máquinas usadas. Até nisto a Instrução 113 favoreceu o industrial estrangeiro, enquanto que o brasileiro, pela legislação em vigor, não pode gozar dessa vantagem. Dar privilégios desta natureza não condiz com a boa administração do País.

«Não precisamos conceder mais favores àqueles que aqui desejem se estabelecer; pois, já é um grande privilégio deixar entrar no país organizações alienígenas, quando aqui já existe um mercado consumidor interno de 70 milhões de habitantes.

E, por fim, mais êste trecho: «Sôbre êste assunto (a nacionalização de organizações estrangeiras no País — JA) convém verificar o que se passa no estrangeiro, nos setores industriais, comerciais e bancários, especialmente neste último, a cujo propósito urge fazer-se um estudo, para evitar que seja havido como «capital estrangeiro» aquilo que foi feito com dinheiro nacional.»

O sr. José Ermírio de Morais é um dos maiores industriais brasileiros. A S. A. Indústrias Votorantim reúne uma boa meia centena de fábricas e emprêsas de tipos diversos. Por isto mesmo, o seu depoimento sôbre a Instrução 113, cujos efeitos são agora agravados pela Instrução 204, vem dar tôda razão às fôrças nacionalistas, que nunca cessaram de denunciar as nefastas conseqüências da nova política do govêrno, inclusive para a indústria nacional. Mesmo tendo presente que, por circunstâncias contraditórias, o sr. Ermírio de Morais é um dos que apóiam o atual govêrno — e talvez venha até a ser o seu representante em Bonn.

Se ao quadro esboçado pelo industrial paulista, relativamente aos efeitos da Instrução 113, agravados pela 204, associarmos a situação que se está compondo no mercado de crédito, então fica claro que pelo menos a média e a pequena indústrias têm maus dias pela frente. Com efeito, a política desinflacionista posta em prática pelo govêrno, com o sacramento do Fundo Monetário Internacional, está lògicamente conduzindo à escassez do crédito. Em seu número de 21 do mês findo, assinalava a revista «Visão»: «Já estamos em plena restrição de crédito». E a restrição do crédito significa dificuldades adicionais para os pequenos empresários, colocando-os em face do dilema: associar-se (geralmente) ao capital estrangeiro, ou arruinar-se. Por essa razão é que dizíamos, em comentário recente, que não seriam apenas os trabalhadores os que se oporiam à política econômico-financeira posta em prática pelos Mariani, Bulhões e companhia, com o ativo apoio e estímulo do sr. Jânio Quadros, assessorado pelos que fazem as vêzes de seu braço esquerdo.

Josué Almeida

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Com quem devemos falar grosso? Com quem devemos falar fino? Êste é o problema de Lacerda. Dirigindo-se aos convencionais da UDN reunidos no Recife, o governador da Guanabara condenou o sr. Jânio Quadros por falar grosso com os Estados Unidos e fino com a União Soviética. Ao próprio sr. Jânio Quadros compete responder ao governador e deixar sem resposta a acusação.

•

Essa maneira de analisar a política externa do país, entretanto, corresponde a manifestação de um estado de espírito. Lacerda é homem de falar grosso com uns e fino com outros. Daí a tendência a julgar os outros por si. Também se dá o caso em que, subitamente, o herói da Rua do Lavradio muda de entonação, ao se dirigir à mesma pessoa, passando de baixo a terror.

Quem não se lembra do tom cavernoso dos discursos de Lacerda na Câmara Federal, dirigindo-se provocativamente ao então ministro da Guerra, marechal Teixeira Lott? Uma bela noite, entretanto, Lacerda tomou conhecimento de que ia haver o levante de Aragarças. Levante, sem dúvida destinado ao malôgro. Que fêz Lacerda? Dirigiu-se às bases aéreas onde se encontravam os golpistas para demovê-los da atitude de imprudência? Êsse era o seu dever. E caso não o conseguisse, êle, eterno pregador do golpe, deveria acompanhar em tôdas as conseqüências do episódio os que acreditaram em sua cantilena subversiva.

•

Não foi isso, no entanto, o que Lacerda fêz. Ligou o telefone para o deputado Bento Gonçalves, presidente da Frente Parlamentar Nacionalista e, falando fino, mandou o serviço ao marechal Teixeira Lott. Na hora em que alguns companheiros de aventurismo falavam grosso, Lacerda falou fino.

•

Falar fino quando deveria falar grosso, eis o trágico destino de Lacerda. Desde o dia fatídico em que saiu publicado no "Observador Econômico" o artigo em que se dava um serviço à polícia a respeito da atividade ilegal dos comunistas no Rio. Isso no tempo em que a polícia punha em prática métodos de tortura ensinados por especialistas da Gestapo importados da Alemanha de Hitler.

•

O problema de nossa política externa, evidentemente, não é o de se falar fino com uns e grosso com outros. Devemos falar em pé de igualdade com todos. Qualquer pessoa reconhece a justeza dessa posição, menos o governador-ventríloquo.

DOCUMENTO CORAJOSO DA PROMOTORIA REVELA TUDO SÔBRE A CHACINA DE AMAMBAI

Massacre Dos Paraguaios Foi Atentado Vergonhoso à Soberania Brasileira

NOVOS RUMOS, que denunciou em primeira mão e com fartura de detalhes o horrendo crime praticado na noite de Natal, em território brasileiro por esbirros do ditador Stroessner em cumplicidade com autoridades brasileiras, contra 8 inermes cidadãos paraguaios que procuraram em nossa terra refúgio para escapar à sanha do tirano guarani, apresenta hoje aos seus leitores a íntegra da denúncia do promotor público contra os brasileiros indiciados no bárbaro massacre.

Documento corajoso de uma autoridade militar brasileira, o sr. Francisco Rodrigues de Miranda, promotor de Justiça da 9a Região Militar, a denúncia relata tôda a trama que culminou com o assassínio de 6 dos 8 refugiados, e revela todo o processo utilizado pelas autoridades paraguaias e a sua participação num delito que se caracterizou também como violação aberta da soberania e do território brasileiro por parte de militares a serviço do ditado' Stroessner.

O promotor assim relatou os acontecimentos:

A denúncia

No dia 17 de dezembro de 1960, oito paraguaios alcançaram o território brasileiro, no lugar denominado "Fazenda Santa Rosa", situada no distrito de Paranhos, neste Estado. Diziam-se refugiados políticos e nessa condição se apresentaram à aludida fazenda, onde foram recolhidos e localizados num galpão, a pequena distância da sede. No dia seguinte solicitaram ao capataz da fazenda providências no sentido de manter, o mais ràpidamente possível, contato com as autoridades brasileiras, pois pretendiam regularizar a situação do grupo perante às referidas autoridades.

Enquanto isso, do outro lado da fronteira, autoridades militares dos postos de Cofisa e Ipehum (Paraguai), entraram em contato com o subdelegado de Paranhos (Brasil), Hilário Lopes, cientificando-o da possível presença de oito paraguaios no território brasileiro e solicitando a colaboração da referida autoridade no sentido de capturá-los. Chegaram inclusive a endereçar os documentos de fls. 13 do IPM e 16, do inquérito policial comum (em apenso) oficializando o pedido e declinando a condição de criminosos políticos dos oito paraguaios.

As solicitações contidas nos aludidos documentos não foram repudiadas pelas autoridades brasileiras. Assim é que, através de contatos mantidos JÚLIO TAVARES, subdelegado em licença do Distrito de Paranhos e o major de Cavalaria, de nome Samiego, no lugar Carapã (Cofisa — Paraguai), ficou estabelecido que seriam efetivadas medidas para a captura dos revoltosos. E ainda como parte do plano a ser executado, o major Epifânio Cardoso, do Paraguai, através do denunciado NINO GREGOL, cientificou a Hilário Lopes que estava à sua disposição, na localidade de Carapã, o armamento destinado à prisão dos refugiados, marcando inclusive dia e hora para a entrega do material.

Armas para os cúmplices

Realmente no dia combinado foram entregues, por intermédio de um sargento do Exército paraguaio, a JÚLIO TAVARES, que representava o subdelegado Hilário Lopes, três metralhadoras "Piripipi" e três mosquetões.

No dia 19, segundo consta do documento de fls. 13, já o major Samiego fôra informado de que os oito paraguaios estariam, possivelmente, na Zona de Garcete (Brasil). Daí seu pedido de colaboração à autoridade de Paranhos, bem como as providências em conjunto que foram tomadas, a partir desta data. E ainda nesse dia um avião paraguaio, no qual viajavam o major Cardoso, Júlio Tavares, Robustian Achucarro e um aviador paraguaio, fardado, descia na fazenda "Santa Rosa» (depoimentos fls. 118 e 119), quando então se positivou a presença dos refugiados no referido local.

Dando prosseguimento à missão ordenada pelos militares paraguaios, organizou-se em Paranhos uma "comissão", em dois grupos, que demandariam à fazenda para capturar os 8 paraguaios. Do primeiro grupo faziam parte Júlio Tavares, que o chefiava, Nino Gregol e Robustiano Achucarra e do segundo, o subdelegado Hilário Lopes, que o comandava e mais Sabadino Lopes, Tibúrcio Lopes e Porfírio Lopes.

Prisão de refugiados e maltratos

Lá chegando, a 22 de dezembro, efetuaram a prisão dos refugiados, transferindo-os do galpão para a sede da fazenda, onde permaneceram durante a noite, amarrados e severamente vigiados.

No dia seguinte, logo cedo, iniciaram viagem para Paranhos, os paraguaios a pé e os seus condutores a cavalo, embora três dos paraguaios estivessem em precárias condições físicas. Nesse trajeto, que durou dois dias, próximo à Fazenda Fioravanti (Brasil), junto à linha da fronteira, Nino Gregol propôs a Hilário entregar os presos ali mesmo ao major Cardoso, negando-se Hilário a fazê-lo.

Em Paranhos foram os oito paraguaios alojados na casa do subdelegado. No dia 24 de dezembro, pela manhã, Júlio Tavares dirigiu-se a Carapã, a chamado, e dali, de avião foi conduzido até Ypehum (Paraguai), onde um major, não identificado, lhe ofereceu cem mil cruzeiros, terras e um cargo de autoridade no Paraguai, em troca dos presos, proposta não aceita por Júlio. Ao anoitecer do mesmo dia, desta vez um irmão do major Cardoso, fez outra proposta ao subdelegado Hilário Lopes, oferecendo-lhe trezentos mil cruzeiros pelos rebeldes, devendo êstes serem trancados num quarto, enquanto Hilário se retiraria com tôda a família. Esta proposta foi rejeitada.

Impaciente com a relutância de Hilário, que não queria entregar os presos, a não ser com ordem direta e pessoal do delegado de Amambai, o major Cardoso resolveu entrar em contato com a referida autoridade para resolver logo o assunto. E, no dia 25 de dezembro, às nove e trinta horas aterrissou no campo de pouso de Amambai, acompanhado de Nino Gregol, Celino Lopes e um aviador militar paraguaio (fls. 118 e 125). O encarregado de comunicar ao denunciado Inocêncio Rodrigues que o major lhe queria falar, foi Celino Lopes.

Subôrno de Inocêncio

O encontro foi marcado na casa de Gregório Portilho, tendo durado algum tempo. Ficou acertado então que, mediante trezentos mil cruzeiros, os presos seriam entregues, sendo que dessa importância cem mil seriam pagos no dia 27, na pensão Mansur, em Pedro Caballero (Paraguai), pelo próprio major Cardoso e o restante através de Nino Gregol, quando êste vendesse "certa tropa de gado a ser negociada diretamente com êsse mesmo major e depois de contrabandeá-la do Paraguai para o Brasil". Combinou-se, finalmente, que esperariam em Ipehum (Paraguai), a Inocêncio Rodrigues, onde acertariam os detalhes.

Aproximadamente às doze horas dêsse dia de Natal, o denunciado Inocêncio Rodrigues, após receber o ofício do subdelegado de Paranhos (doc. fl. 14 inquérito em apenso) solicitando a remoção dos presos para Amambaí, imediatamente providenciou um caminhão a fim de deslocar-se para Paranhos. Não deu conhecimento do fato (recebimento do ofício) ao destacamento militar. Apenas convocou para seu auxiliar ao denunciado João Tavares, a quem deu conhecimento da trama, tendo êste aceito participar da mesma.

Prepara-se o massacre

Prepara-se o massacre chegando a Paranhos à tardinha, Inocêncio, desde logo iniciou gestões junto a Nino Gregol, Hilário e Júlio Tavares, visando o acêrto dos detalhes finais para a entrega dos presos. Hilário nessa ocasião dissera a Inocêncio que a entrega ficaria sob a inteira responsabilidade dêle. Inocêncio, deixando porém a critério dêste pagar-lhe ou não os cinqüenta mil cruzeiros.

Logo após essa conversa, Inocêncio, Nino Gregol e João Tavares rumaram a Ipehum (Paraguai), a fim de cientificarem ao major Cardoso de que tudo havia sido combinado com Hilário, bem como resolverem com aquêle militar "os últimos detalhes relativos à entrega dos rebeldes". A reunião, com êsse objetivo, foi realizada em território paraguaio, no bolicho de Elizo Jimenez, com a presença dêste, major Cardoso, outro paraguaio não identificado, Inocêncio, Gregol e João Tavares. Acertou-se, então, o local onde o caminhão deveria estacionar para a entrega dos presos, tendo nessa ocasião sido oferecida uma corda de pesca para amarrar os rebeldes. Sòmente dois retornaram, pois Nino Gregol tomou rumo ignorado.

Em Paranhos, Inocêncio e João Tavares jantaram na casa de Nino. Em seguida rumaram de caminhão para a fazenda de Antonio Carpes, onde se achavam os presos.

Antes disso, porém, às 20 horas, aproximadamente, um grupo de cavaleiros passou na casa de Genaro Antunes, junto à linha divisória, estando alguns fardados, encabeçados por Nino Gregol, elementos êsses que demandavam evidentemente ao local prèviamente combinado, para a entrega dos presos.

Realmente, às 22 horas, Inocêncio recebeu os rebeldes das mãos de Hilário, a quem passou o recibo (fls. 12). Em seguida Inocêncio ordenou que os presos fôsses amarrados uns com os outros.

O crime vergonhoso

Incumbiu-se dessa tarefa João Tavares, tendo os presos sido colocados na carroceria, "qual cadeia única", não podendo locomover-se, senão conjuntamente.

A viagem foi iniciada com a presença de Inocêncio e João Tavares na carroceria, sendo que êste último sempre iluminava os presos para verificar se continuavam amarrados.

Quando já haviam percorrido uns sete (7) quilômetros, exatamente no ponto convencional (a 5 quilômetros da linha divisória Brasil—Paraguai), o caminhão parou quase bruscamente. Nesse momento, no meio do mato, acendiam e apagavam uma lanterna.

Logo a seguir, Inocêncio e João Tavares saltaram do caminhão, tendo o primeiro se dirigido a um dos assaltantes e, após ter falado com o mesmo em guarani, ordenou aos presos, sob ameaça de um revolver "que descessem ligeiro".

Diante do terrível imprevisto, os presos ficaram atarantados e, instintivamente, no desesperado esfôrço de fugirem à chacina que os aguardava, foram se jogando para o solo, uns já libertos das amarras e outros enleados ainda na "cadeia única", enquanto os assaltantes, suficientemente municiados, iniciaram tremenda fuzilaria contra os inermes assaltados. Salvaram-se, contudo, dois. Um dêles fingiu-se de morto e outro se embrenhou no mato, com um ferimento no rosto, foi perseguido por um cavaleiro, mas conseguiu escapar protegido pela noite e pelas moitas.

Nesta altura, Inocêncio e João Tavares eram espectadores da chacina, até que foram intimados a seguir viagem.

No dia seguinte, o denunciado Inocêncio compareceu ao Décimo-primeiro Regimento de Cavalaria, sediado em Ponta Porã, onde fêz entrega de uma metralhadora pertencente aos oito presos paraguaios tendo declarado, nessa ocasião que não sabia do destino dos refugiados, pois fôra atacado por um grupo de paraguaios armados.

Inocêncio, no dia 27, recebia, por intermédio de um emissário do major Cardoso, a importância de cem mil cruzeiros, distribuindo dessa importância cinqüenta mil para Hilário e dez mil para João Tavares.

Aí estão, minudentemente narrados, os fatos e seus antecedentes.

Recursos imorais e criminosos

Observa-se, desde logo, que as autoridades militares paraguaias, notadamente o major Cardoso (da Aeronáutica), autor intelectual de tôda a trama, usaram de recursos imorais e criminosos, objetivando, acima de tudo, o massacre de refugiados políticos dentro do nosso próprio território.

Houve ligações entre aquêles elementos e autoridades civis brasileiras, além da participação de outros elementos civis nossos, todos identificados no sentido de encontrarem solução rápida e fácil para a entrega dos oito paraguaios. Aceitaram os brasileiros armas paraguaias.

Posteriormente, com o acervo cada vez maior do major Cardoso, em face da recusa inicial de Júlio Tavares e Hilário, Inocêncio foi subornado. Os outros, conversados por êle, também aceitaram, principalmente Hilário, que assentiu na entrega dos refugiados, mesmo sabendo, pelos antecedentes, que êsses presos iriam ser entregues por Inocêncio e positivamente trucidados, pois o major Cardoso já havia antes proposto a Hilário trezentos mil cruzeiros pelos presos, devendo êstes serem trancados num dos quartos da casa, enquanto a família de Hilário e êste se retirariam por alguns instantes.

Os denunciados Nino Gregol, Celino Lopes e Robustiano Achucarro, desde o início foram elementos de ligação entre o major Cardoso e as autoridades de Paranhos e Amambai, precisamente Júlio Tavares, Hilário Lopes e Inocêncio Rodrigues, acompanhando inclusive, em viagens aéreas em avião paraguaio, o major Cardoso, quando de suas constantes articulações para atingir, de qualquer maneira, o objetivo a que se propunha. Sabe-se que nos entreveros entre legalistas e guerrilheiros teria morrido um cunhado do major.

Violação da soberania nacional

A perseguição teria caráter de vindita. Daí o seu açodamento, que chegou ao ponto de, além de subornar autoridades, invadir o nosso território, com a conivência dos denunciados, o que traduz delito contra a segurança do país, "por implicarem ofensa à sua independência e soberania que são os pressupostos de fôrça moral imprescindíveis à existência do Estado", pois o território é "a base física sem a qual se torna inconcebível aquela existência".

Conforme se verifica dêstes autos, a trama foi cuidadosamente preparada. Embora as autoridades civis de Paranhos tivessem ciência de que se tratava de elementos refugiados, ainda assim, por fôrça de solicitações incabíveis dos paraguaios, retiveram aquêles elementos, em Paranhos, depois de tê-los trazido da fazenda Santa Rosa, a pé, numa viagem penosa de dois dia, sabendo-os doentes alguns e cansados todos.

Além do mais, as autoridades de Paranhos, diante das circunstâncias, teriam de encaminhar ràpidamente os refugiados para Amambai (uma vez que da fazenda à Amambai, a distância era menor e a estrada com maior movimento de automóveis), o que não fizeram e de maneira proposital, facilitando assim o desfecho sanguinolento de 25 de dezembro.

Note-se ainda que o denunciado Inocêncio acertou os detalhes com os paraguaios, algumas horas antes do crime, fato êsse inteiramente ajustado ao seu procedimento posterior, quando transportou os oito paraguaios, devidamente amarrados, altas horas da noite e sem nenhuma [illegible]

Natal da traição

Era sem dúvida um Natal da traição a homens aflitos, que pensavam haver encontrado o ambiente da liberdade, a que tanto aspiravam. Ao invés disso, encontraram os seus algozes, os quais longe dos seus familiares na tradicional noite natalina, numa tocaia, no território que violavam e com a cooperação de autoridades civis e outros elementos nossos cômodamente, chacinaram seis homens amarrados e inteiramente desprotegidos diante de assassinos suficientemente municiados.

Era a jurisdição de "quatreiros" que se exercia, não dentro do território paraguaio, mas em nosso próprio território, num atentado rigoroso e metòdicamente planejado em "bolichos" paraguaios, nos postos militares da fronteira e em Amambai. Nesse sentido, o major Cardoso utilizava-se de aviões paraguaios, com aviadores fardados, descendo em fazendas brasileiras e no próprio campo de Amambai, quando ali estêve com elementos brasileiros, os denunciados Nino Gregol e Celino Lopes, para subornar o delegado Inocêncio Rodrigues.

Verifica-se, portanto, face à exposição feita, que os denunciados, aliados a elementos militares estrangeiros, notadamente o major Epifânio Cardoso, conjugaram esforços e atividades, que redundaram na invasão e violação do nosso território e no homicídio de seis refugiados políticos paguaios, tornando-se em conseqüência, coautores dêste último e responsáveis pelo crime contra a segurança do Estado.

Os acusados e as penas pedidas

Foram indiciados no processo Inocêncio Rodrigues, Júlio Tavares, João Tavares, Hilário Lopes, Celino Lopes, Nino Lopes e Robustian Achucarro. Todos êles tiveram contra si a determinação de prisão preventiva e o pedido da promotoria para que o Tribunal aplique as mais severas penas.

O julgamento está sendo acompanhado com grande emoção em Mato Grosso onde, além das penas contra os acusados, o povo exige as mais severas medidas governamentais no sentido de se impedir a repetição de fato como o acima narrado, assim como medidas capazes de salvaguardar a soberania nacional constantemente ultrajada e violada pelos oficiais e soldados paraguaios, estimulados diretamente pelo ditador Stroessner.

Teoria e Prática

O Que Caracteriza o Trabalhador, o Operário?

(Resposta ao leitor Paulo Cardoso, de Belo Horizonte).

É justamente sôbre essa questão que a revista "Problemas da Paz e do Socialismo" iniciou, no ano passado, um intercâmbio de opiniões. O debate está em curso e pode ser acompanhado a partir dos números 5, 9 e 12, de 1960. Já opinaram sôbre o problemas estudiosos e teóricos marxistas de vários países. Também o Conselho de Redação da Revista sistematizou e desenvolveu, num primeiro comentário, uma parte dos argumentos apresentados.

Não há ainda uma opinião unânime sôbre o critério a adotar para definir o proletariado moderno. Há os que consideram que só fazem parte da classe operária os que criam mais-valia; e que não aceitam que a produção e a distribuição formem um todo. Para êles, a tese, segundo a qual os empregados e os técnicos são parte integrante da classe operária, "não está, ainda, cientìficamente fundamentada". Há os que evitam ainda definições e generalizações categóricas. E há os que adotam o critério de que a classe operária compreende todos os que não são donos de meios de produção e vivem, exclusivamente, da venda de sua fôrça de trabalho. São, até agora, a maioria dos que participam nos debates. Consideram que se devem incluir, nas fileiras da classe operária os que trabalham na produção material e os que estão ligados aos diferentes tipos de serviços; os que vivem de salários, como os que vivem de ordenados e vencimentos; e, mesmo, uma parte considerável das profissões liberais, em que a fôrça de trabalho de médicos, advogados, engenheiros, etc., é vendida a grandes entidades, firmas e organizações jurídicas, clínicas e hospitais, particulares ou do Estado. Consideram que todos êsses trabalhadores, manuais e intelectuais, apesar de diferenças e particularidades que as classes dominantes procuram ressaltar e desenvolver, estão ligados ao proletariado por sua situação social e econômica, e por suas relações face ao capital.

A base teórica para essas conclusões são as apreciações de Marx, Engels e Lênin, sôbre o trabalho produtivo, e, em particular, sôbre a definição das classes, e sua característica fundamental: as relações em que os homens se encontram face aos meios de produção. "Por proletários — escrevia Engels — compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, privados de meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua fôrça de trabalho para poderem viver".

Em seus comentários, o Conselho de Redação da Revista apóia-se, particularmente, em duas conclusões da teoria marxista: a de que só podem ser incluídos na classe operária os trabalhadores assalariados que, com seu trabalho, criam ou captam mais-valia para os capitalistas; e a de que, para a burguesia, não tem importância decisiva o fato de que essa mais-valia seja produzida diretamente, como massa de mercadorias, ou indiretamente, criando as condições necessárias para sua redistribuição. Assim, o trabalho realizado na esfera improdutiva, a fim de captar a mais-valia, é para o capitalista tão produtivo como o que se faz na indústria, no transporte e em outros setores da produção material. Essas constatações adquirem importância especial em nossa época, quando "uma parte cada vez maior da mais-valia é assegurada através da exploração de trabalhadores ocupados na esfera da distribuição e dos serviços".

Como se vê, são problemas que interessam profundamente nossa luta pela ampliação da base social e política do proletariado, pela conquista de sua hegemonia na revolução; e que ressaltam, mais ainda, a necessidade do Partido Comunista, como vanguarda das massas operárias em seu conjunto.

Um Pecado da Revolução

Comandante ERNESTO CHE GUEVARA

HAVANA (PL) — As revoluções, transformações sociais radicais e aceleradas, feitas como o exigem as circunstâncias, nem sempre ou quase nunca, ou talvez nunca — amadurecidas e previstas cientificamente em seus detalhes, feitas pelas paixões, pela improvisação do homem em sua luta pelas reivindicações sociais, não são nunca perfeitas. A nossa tampouco o foi. Cometeu erros e está pagando caro por alguns dêles. Temos hoje a evidência de uns, sem repercussão, mas que bem demonstra a verdade do ditado "Deus os faz e o Diabo os junta."

Quando as tropas de invasão, alquebradas, com os pés abertos em feridas, ensanguentados e ulcerados pelas afecções provocadas pelos fungos, mantendo indene sòmente a fé, chegaram ao sopé do Escambray, foram alcançadas por uma carta insólita. Vinha assinada pelo Comandante Carrera e nela se prevenia a coluna do Exército Revolucionário por mim comandada de que não podia subir ao Escambray sem deixar bem aclarado com que propósitos o fazia; antes de subir, devia deter-me para explicá-lo. Determo-nos na planície, nas condições sem que nos encontrávamos e ameaçados de cêrco todos os dias, do qual só podíamos escapar por nossa rapidez de movimentos! Essa foi a essência de uma longa e insolente carta. Seguimos adiante, espantados e contristados porque não esperávamos isso dos que se diziam nossos companheiros de luta, mas decididos a solucionar qualquer problema cumprindo as ordens expressas do comandante em chefe Fidel Castro no sentido de que todos se empenhassem para conseguir a completa unidade dos combatentes.

Chegamos ao Escambray e acampamos perto do pico denominado Del Obispo, que se vê da cidade de Sancti Spiritus e tem uma cruz no alto. Ali pudemos estabelecer nosso primeiro acampamento e imediatamente indagamos por uma casa onde deveria estar à nossa espera um dos artigos de que mais necessita o guerrilheiro: os sapatos. Não havia sapatos; as fôrças da Segunda Frente do Escambray os haviam levado, apesar de terem sido obtidos graças aos esforços da organização do 26 de Julho. Tudo ameaçava acabar mal; entretanto, conseguimos nos manter serenos, conversar com um capitão que topamos pela frente — que ficamos sabendo, depois, haver matado quatro combatentes do povo que quiseram ir ocupar seu lugar nas fileiras revolucionárias do 26 de Julho abandonando a Segunda Frente — e tivemos uma entrevista, inamistosa mas de modo algum violenta, com o Comandante Carrera. Êste havia ingerido já a metade de uma garrafa de licor, que era também a metade de sua quota diária. Pessoalmente não foi tão grosseiro e agressivo como em sua carta de dias antes, mas nêle se adivinhava um inimigo.

Depois ficamos conhecendo o Comandante Peña, famoso na região por suas correrias atrás das vacas dos camponeses, que nos proibiu enfàticamente de atacar Güinia de Miranda, pois o povoado pertencia a sua zona; ao argumentarmos com êle que a zona era de todos, que era preciso lutar e que nós tínhamos armas melhores e em maior número e também mais experiência, respondeu-nos simplesmente que nossa bazooka tinha o seu equivalente nas suas 200 espingardas e que 200 espingardas produziam o mesmo buraco que uma bazooka. E pronto. Güinia de Miranda estava destinada a ser tomada pela Segunda Frente e nós não podíamos atacar. Está claro que não lhe fizemos caso: mas ficamos de sobreaviso diante dêsses perigosos "aliados".

Após uma longa série de abusos e pilhagens, onde nossa paciência foi posta à prova infinitas vêzes e onde agüentamos mais do que era devido, segundo a justa crítica do companheiro Fidel, chegou-se a um "status quo" em que sòmente nos permitiam fazer a reforma agrária em tôda a zona pertencente à Segunda Frente se os deixássemos cobrar impostos. Cobrar impostos, a palavra de ordem!

A história é longa. Nós ocupamos em luta sangrenta e contínua as principais cidades do país e contamos com bons aliados no Diretório Revolucionário, cujos homens, em menor número e também com menos experiência, fizeram tudo que foi possível para coadjuvar nosso êxito comum. A primeiro de janeiro o comando revolucionário exigia que tôdas as tropas combatentes se pusessem sob minhas ordens em Santa Clara. A Segunda Frente Nacional do Escambray, pela voz de seu chefe Gutiérrez Menoyo, imediatamente se colocava sob minhas ordens. Não havia problema algum. Demos então a instrução de que nos esperassem, pois tínhamos que pôr em ordem os assuntos civis da primeira grande cidade conquistada.

Naqueles dias era difícil controlar as coisas e, quando nos demos conta, já a Segunda Frente, atrás de Camilo Cienfuegos, havia entrado "heròicamente" em Havana. Pensamos que podia ser alguma manobra para se fazerem fortes, para se apossarem de algo. Já os conheciamos e cada dia ficávamos conhecendo-os um pouco mais. Êles tomaram, de fato, as posições estratégicas mais importantes, para a sua mentalidade...

Passados poucos dias, chegava a primeira conta do Hotel Capri assinada por Fleitas: 15 mil dólares em comida e bebida para um reduzido núcleo de aproveitadores.

Quando chegou a hora das nomeações, quase uma centena de capitães e um bom número de comandantes aspiravam às sinecuras estatais, além de um grande e "seleto" núcleo de homens apresentados pelos inseparáveis Menoyo e Fleites com pretensões a tôda uma série de cargos na nova administração. Não eram cargos extremamente remunerados; todos tinham uma característica em comum: eram os postos onde se roubava na administração pre-revolucionária. Os inspetores da Fazenda, os arrecadadores de impostos — todos êsses lugares em que circulava dinheiro, e forçosamente passava por seus ávidos dedos, eram fruto de sua cobiça. Essa era uma parte do exército rebelde com que devíamos conviver.

Desde os primeiros dias surgiram divergências sérias que às vêzes culminavam com discussões violentas; mas sempre acabávamos cedendo a bem da unidade. Mantínhamos o princípio. Não permitiríamos que se roubasse nem dávamos postos-chave àqueles que sabíamos aspirantes a traidores; mas não os eliminávamos, contemporizávamos — tudo em benefício de uma unidade que não estava totalmente compreendida. Êsse foi um pecado da revolução.

O mesmo pecado que a levou a pagar salários suculentos aos Barquin, aos Felipe Pazos, às Tetê Casuso e a tantos outros que a revolução mantinha querendo evitar o conflito, tratando de comprar seu silêncio com um tácito entendimento entre um sôldo-gratificação e um Govêrno que êles só esperavam a ocasião para trair. Mas o inimigo tem mais dinheiro e mais meios de subornar as pessoas. Afinal, que podíamos nós oferecer a um Fleites ou a um Menoyo a não ser um pôsto de trabalho e de sacrifício?

Êles, que se aproveitaram das bravatas de uma luta que não fizeram, sempre em busca de posições, sempre procurando ficar perto de onde o dinheiro estava ao alcance da mão, sempre forçando o acesso em todos os gabinetes ministeriais, desprezados por todos os revolucionários puros, no entanto tolerados — ainda que a contragôsto — eram um insulto à nossa consciência de revolucionários. Constantemente, com a sua presença, apontavam-nos o nosso pecado: o pecado da transigência para com a falta de espírito revolucionário, para com o traidor em potencial ou consumado, para com o covarde, o ladrão, o "come-vaca".

Nossa consciência se limpou depois que o Diabo juntou-os todos em barquinhos rumo a Miami. Muito obrigado, "come-vacas" da Segunda Frente. Muito obrigado por nos aliviarem da execrável presença dos comandantes-da-bôca-para-fora, dos capitães-de-fax-de-conta, dos heróis que desconhecem o rigor das campanhas mas não o aconchêgo fácil dos lares camponeses. Muito obrigado, também, por nos darem essa lição, por nos mostrarem que não se pode comprar consciências com a dádiva revolucionária que é exigua e exigente para com todos, por nos mostrarem que temos que ser inflexíveis diante do êrro, da fraqueza, da dor, da má fé de quem quer que seja, que temos que levantar-nos e denunciar e castigar onde quer que surja algum vício que vá contra os altos postulados da revolução.

Que o exemplo da Segunda Frente, que o exemplo de nosso querido e bom amigo, o ex-ladrão Prio, chame-nos à realidade. Não façamos cerimônias, chamemos o ladrão de ladrão. Em honra ao que batizamos cômodamente de "tática revolucionária" viemos chamando todo êsse tempo de "ex-presidente" àquele que outrora nos chamava de salvadores de Cuba e agora não hesita em se referir a nós como "comunistas desprezíveis".

O ladrão é ladrão e morrerá ladrão. Pelo menos o ladrão de alto coturno; não o que em alguns países, desesperado, tem que roubar uma migalha para dar de comer a seus filhos. Aquêle que rouba para obter mulheres e drogas ou bebidas, para conseguir a satisfação dos baixos instintos que os animam, será ladrão tôda a sua vida.

Juntaram-se do lado de lá todos os que ofendem à nossa consciência: os Felipe Pazos, que vendem sua honestidade como uma alta moeda para ser colocada à frente das instituições "sérias"; os Rufo López ou Justo Carrillos que não poupam esforços para se acomodarem à situação e galgar um degrau a mais; os Miró Cardona, oportunistas eternos; os ladrões incorrigíveis, implicados em assassinatos do povo os "come-vacas" cujas "façanhas" ficaram para sempre lembradas entre a massa camponesa na zona do Escambray, por onde espalham matanças e um terror ainda maior que o dos próprios soldados da tirania. Êles são nossa consciência. Mostram qual é o nosso pecado, um pecado da revolução que não deve se repetir.

A conduta revolucionária é espelho da fé revolucionária e, quando alguém que se diz revolucionário não se conduz como tal, é porque não passa de um descarado.

Que se abracem calorosamente os Venturas e Tony Varonas, que tanto disputam entre si, Prios e Batistas, Gutiérrez Menoyos e Sanchez Mosqueras; assassinos que matavam para satisfazer algum desejo inédito em nome de sua cobiça e assassinos que matavam para aplacar uma cobiça em nome da liberdade; ladrões e vendedores de honradez, oportunistas de todos os feitios, candidatos à presidência — belo conjunto.

Obrigado pelo muito que nos ensinaram.

CARLOS DE SÁ BEZERRA

Pedem-nos a publicação da seguinte nota:

«Os comunistas do setor de panificação do Estado da Guanabara comunicam que Carlos de Sá Bezerra não mais pertence às fileiras comunistas. Além de ter tido, como diretor do Sindicato da corporação, conduta indigna de um comunista, Carlos de Sá Bezerra ligou-se, ùltimamente, a um chamado «Movimento Renovador» em nome do qual vem praticando uma série de atos contrários à unidade do movimento operário.»

Notas Sôbre Livros

Ocupações e preocupações inadiáveis me impedem de cuidar mais demoradamente de cada um dos livros que tenho recebido nêstes últimos meses. Sou por isso forçado a fazer um simples registro coletivo dos mesmos, manifestando dêsse modo o meu agradecimento aos autores e editôres que me obsequiaram com suas ofertas.

Começarei pelos poetas, criadores de emoção, companheiros dos momentos de mais pura alegria:

Marcos Ana — *Poemas Desde la Carcel*. Introdução e tradução de Rolando Roque da Silva. Editôra Brasiliense. Marcos Ana é pseudônimo de um poeta que se fêz na penitenciaria de Burgos, na Espanha, onde cumpre há vinte anos uma injusta condenação por "crime político". Aqui, naturalmente, a emoção é sinônimo de colera.

Geir Campos — *Canto Provisório*. Edição Vitória. E já o sétimo livro de poemas do autor, em plena forma e avançando sempre em seu labor de operário do canto.

Geir Campos — *Poesia Alemã*. Edição do Serviço de Documentação do MEC. Antologia de 400 páginas contendo traduções próprias e alheias em versos brasileiros, de poemas de uma centenas de poetas alemães.

Marly de Oliveira — *Explicação de Narciso*. Edição da Livraria São José. A autora, cuja estréia, com o livro *Cêrco da Primavera*, foi uma verdadeira revelação, confirma aqui e amplia seus dotes excepcionais de poetisa.

Fernando Mendes Vianna — *A Chave e a Pedra*. Edição da Livraria São José. E' êste o segundo livro de um jovem poeta que promete ir longe, e já agora é mais que simples promessa.

Alcides Pinto — *Ilha dos Patrupachas*. Edição da Livraria São José. Patrupachas, ao que parece, é uma ilha surrealista, perdida em mares também surrealistas. Eu confesso prosaicamente preferir a ilha realista de Cuba; mas gôsto não se discute, e o poeta é livre de se entregar a tôdas as experiências formais, inclusive às que levam a tão perigosas ciladas como essas que o chamado concretismo está armando a jovens mais ou menos incautos. Francamente, e mui cordialmente, eu sugeriria a Alcides Pinto uma viagem — mesmo imaginária, não concreta — a ilha de Cuba, que é a ilha de Nicolás Guillén.

Cardoso da Fonseca — *Contos Revolucionários*. Gráfica Editôra Aurora. Êste poeta que oscila entre extremos de combatividade e de lirismo comprou passagem para Cuba, mas ao que parece não chegou a embarcar. E' pena. Do seu livro eu estou preferindo, por enquanto, os versos casimirianos de Cabo Frio — apesar de casimirianos.

Jamil Almansur Haddad — *Romanceiro Cubano*. Editôra Brasiliense. Já o meu companheiro Rui Facó ocupou-se dêste livro nêste jornal: Nada tenho a acrescentar aos merecidos elogios que fêz. Direi apenas que Jamil Almansur Haddad foi mesmo a Cuba, viu e sentiu Cuba, impregnou-se de Cuba, integrou-se em Cuba, Cuba de Fidel e de Guillén — e daí o seu magnífico *Romanceiro Cubano*.

Afonso Avila — *Carta do Solo* — Edição "Tendencia", Belo Horizonte. a sugestão de Cuba é tremenda — e bonissima, convenhamos. O poeta Afonso Avila pés fincados na velha e sofrida terra mineira, está sentindo os mágicos eflúvios da reformada terra cubana. Tudo muito fino e sutil, mas fazendo vibrar as cordas da lira. Ainda bem.

Entre a poesia e a filosofia nem sempre a distância é muito grande. Não se deve estranhar, portanto, que o registro de tantos poetas seja encerrado com um filósofo.

Alcântara Nogueira — *Idéias Vivas e Idéias Mortas*. Edição da Organização Simões. Êste livro data de 1957, mas só o recebi recentemente, de sorte que o devo incluir nesta resenha. Todavia, falar de filosofia não é mesma coisa que falar de poesia. Aqui o registro tem de ser exato, reduzida ao mínimo a área imaginativa. O volume do prof. Alcântara Nogueira é prefaciado pelo filósofo ítalo-argentino Rodolfo Mondolfo, nome sobejamente conhecido entre nós. Segue-se uma introdução do próprio autor, que divide o livro em duas partes: a primeira, subordinada ao título — "A idéia no pensamento filosófico", e a segunda tratando da — "Significação sócio-histórico-filosófica do panteísmo grego". No final, uma biografia adequada aos temas versados no volume. Eu não me animaria a comentar um livro dessa natureza, mesmo que dispusesse de espaço, pois em matéria de filosofia sou apenas leitor interessado. Mas não me custa reconhecer no prof. Alcântara Nogueira um pensador de boa vocação, cujos trabalhos e esforços merecem respeito de quantos no Brasil lidam com coisas do espírito.

Correspondência — Jaime Blanco: comunique-me com urgência o seu endereço.

O Homem no Espaço

F. A. GOMES NETO

Uma das muitas coisas incômodas da vida é ter que bater palmas quando se tem as mãos ocupadas, como está fazendo o "mundo livre" diante da nova e mais uma vez extraordinária façanha dos soviéticos. Enquanto confeccionam armas de todos os matizes para combater o "comunismo" ou estão de mãos abertas, com todos os dedos, em cima das "tralhas" ou "bens" que o "comunismo" lhes possa "tomar", muitos são obrigados a interromper por um instante o seu afã, a olhar para o alto e aplaudir contrafeitos. Há cêrca de vinte anos um "professor" de Direito escrevia em um de seus livros que a mulher russa é uma cadela, porque não pode criar os seus próprios filhos; e outro, "líder nacional", escrevia em outro livro que as mulheres na Rússia são ordenhadas como vacas porque não podem amamentar os seus próprios filhos. Enquanto isto, ao contrário, os soviéticos educam e preparam uma nova geração de homens e mulheres, diferente de tôdas as gerações que já existiram em todo o mundo em todos os tempos, aproveitando em tôdas as ocupações úteis e dignificantes as verdadeiras aptidões naturais; e nós continuamos a é hoje a discutir inclusive se o govêrno tem ou não o "direito" de dar instrução, mesmo primária apenas, geral e obrigatória, ao povo brasileiro.

Verdadeiramente o feito soviético atual, como todos os anteriores, tem a sua origem em 1917, quando atravessou as fronteiras da Finlândia para a Rússia um homem baixo, como muitos, de estatura física, e alto como poucos de estatura moral, que pensava pouco em si mas que pensava muito na Humanidade, que havia sofrido tanto como qualquer outro ser humano e que mais do que qualquer outro sabia o que era preciso fazer para a salvação do homem, instituindo em seguida, no dizer insuspeito de Henry Thomas, "a primeira experiência humana de govêrno honesto". Daí em diante a "civilização ocidental", pelo menos no Brasil, pôs Lênin nos compêndios escolares com um fácies de criminoso, de gravata torta, vestes desalinhadas e acompanhado de referências reticentes ou abertamente contrários ao novo e mais justo e humano sistema de organização social, que havia criado. E até em 1940, quando Lênin já havia sucumbido ao seu trabalho hercúleo há vários anos, ainda os líderes soviéticos vivos apareciam em cartazes no Rio de Janeiro destrinchando uma criança assada num grande prato. Nada disto impediu não só que a União Soviética saísse duplamente vitoriosa da guerra que o "mundo livre" forjou contra o "comunismo", mas também que se transformasse logo em seguida em campeã e garantidora única da Paz, ao mesmo tempo que arauta e realizadora incontestê do Progresso.

Os que têm olhos não podem mais fingir-se cegos, porque se tudo o que já se fêz de grande pelo homem na União Soviética, desde Lênin, não foi visto senão por alguns, pelo menos o homem percorrendo o espaço é forçoso que seja visto por todos. Mas êste fato é apenas um dos resultados, e talvez dos menos importantes, de uma profunda evolução, de uma transformação radical, que, antes de colocá-lo no espaço, tornou e está tornando o homem verdadeiramente humano sôbre a própria Terra. Se a União Soviética hoje pode realizar proezas extraterrestres para se fazer conhecida e respeitada inclusive pelos de fora, é porque de fato já fêz proezas iguais ou ainda maiores dentro de suas próprias fronteiras desde que é conhecida, respeitada e glorificada pelos próprios povos que a constituem. E o exemplo deve servir não para desânimo diante do que é grandioso e certo, mas, ao contrário, para um exame imparcial do que é mesquinho e errado. As conquistas do homem, afinal, em seu sentido mais alto e último, não são de nenhum povo ou país, mas de tôda a humanidade. O que é preciso, para participar delas como agentes e não como simples espectadores, obrigados apenas a bater palmas sempre, é os homens saberem qual é o caminho único ou melhor que leva às autênticas conquistas. No caso não há de ser forjando e imaginando armas para combater o "comunismo", falando em "liberdade", em "mundo livre" e em "dignidade do homem" ao mesmo tempo em que se conserva o homem na escravidão e na ignorância, na sujeição da exploração do homem pelo homem, que degrada e avilta tanto os explorados como os exploradores.

«BRASIL SÉCULO XX» TRADUZIDO NA ARGENTINA

Acaba de sair em Buenos Aires a edição castelhana de "Brasil Século XX" de Rui Facó, em tradução de Carmen Alfaya. Trata-se de uma grande edição destinada a todos os países da América Latina de língua espanhola.

"Brasil Século XX" foi incluído como primeiro volume de uma coleção da Editorial Platina de Buenos Aires denominada "Colección Problemas de América". Na apresentação da edição argentina dizem os editôres:

"Com êste volume torna-se realidade uma idéia ambiciosa que exigiu de nós ingentes esforços para reunir um qualificado grupo de escritores. Trata-se da 'Coleção Problemas da América" em que cada país desta sofrida parte do continente terá um volume que dará a conhecer, além de uma visão retrospectiva, os grandes problemas da época presente". E acrescentam: "Existem muitos livros sôbre o Brasil, mas dificilmente estas obras abrangem todo o seu conjunto. Em "Brasil Século XX" Rui Facó conseguiu, em síntese elogiosa, resumir a história de seu país, a análise de suas estruturas, o estudo de seus problemas e de suas perspectivas". E concluem: "Cremos que os leitores encontrarão neste volume um importante documentário de estudo e uma resposta a tôdas as suas interrogações".

«Brasil Século XX» em tcheco, slovaco e russo

A tradução tcheca de "Brasil Século XX" está pronta, (tradutor: professor Zdenek Hampejs), devendo sair até o fim do ano.

Rui Facó recebeu uma carta da Bratslávia propondo a tradução de seu trabalho para o eslovaco.

De Moscou recebemos a informação de que "Brasil Século XX" já está sendo traduzido para o russo, devendo a tradução sair muito em breve, enquanto o periódico "Za Rubejóm" está divulgando trechos que mais de perto interessam ao leitor soviético.

Quanto à edição brasileira, está pràticamente esgotada, pois a Editorial Vitória tem assegurado a distribuição dos exemplares restantes.

No clichê, uma reprodução da capa da edição argentina de 'Brasil Século XX".

VAIDADE DAS VAIDADES

Digam o que disserem jornais e jornalistas, não considero nenhuma homenagem a escritores e artistas o fato de mandá-los como embaixadores para países distantes, como anda fazendo o presidente da República. Eu, por mim, considero isso de um ridículo total. Por maior que seja minha admiração, respeito e até amizade por alguns dos escolhidos, creio que seria muito mais útil ao país e à inteligência brasileira, e muito mais digno também, dar-lhes cargos aqui mesmo, de acôrdo com seus conhecimentos e capacidade, tornando-os úteis à sociedade e a si próprios.

O Itamarati tem milhões de erros, milhões de defeitos, mas é, afinal e apesar de tudo, uma escola de diplomatas. Há o Curso Rio Branco que é sério, seríssimo mesmo; homens e mulheres só conseguem entrar para o Itamarati depois de um mundo de exames intelectuais, morais, físicos; só conseguem postos a duras penas, conhecem problemas, estudam, tem contacto diário com assuntos internacionais, sabem como agir neste ou naquele caso. Dizia-me um amigo que a diplomacia é apenas saber comer direitinho, saber onde sentar num banquete, conhecer as roupas necessárias a êste ou aquêle fim, saber fazer salamaleques, etc. Não creio que seja bem assim; como também não me parece que uma pessoa por mais ilustre, sabia, inteligente que seja, possa, de um dia para outro, ir representar nosso país, defender nossos direitos, divulgar nossa existência apenas pelo seu talento intelectual e pelo talento de ser amigo ou faixa do presidente da República.

Gostaríamos de saber porque um general foi nomeado ginecologista chefe de um hospital? Afinal há uma Faculdade de Medicina e para alguém ser médico é preciso fazer um curso demorado, estudar mesmo. Uma costureira pode sem dúvida dirigir um automóvel mas para tal precisa tirar sua carta de chofer e não poderá pilotar um avião sem brevê.

Não sou mulher de espantar-me diante dos problemas da vida. Sempre andei de olhos bem arregalados, querendo tudo entender, e, por isso mesmo, não me espanto com as nomeações para embaixadores. Espanto-me, isso sim, de que os escolhidos aceitem tão simplesmente como aceitariam um copo de uísque ou um salgadinho, numa festa.

Enfim cada um faz o que entende e não sou nenhuma ingênua que não saiba até onde pode chegar a vaidade dos homens. "Vaidade das vaidades, tudo não é senão vaidade". Mas o que não admito é que me venham dizer que o presidente Jânio Quadros com essas nomeações está prestigiando escritores e artistas brasileiros.

O assunto é vastíssimo; mas para que comentá-lo ainda mais? Vasto e ridículo.

Tópicos Típicos

Prossigo na entrevista que imaginei com o falecido e nada saudoso adolf HITLER, através do livro que êle nos deixou: «Minha Luta» (edição da Livraria do Globo, 4a.).

PS — O que acha o sr. da livre organização sindical?

H — «E' o mais temível instrumento de terror contra a segurança e independência da economia nacional, a solidez do Estado e a liberdade dos indivíduos». (pág. 49).

PS — Sua opinião sôbre o judeu?

H — «O judeu é o maior mestre da mentira, e a mentira e a fraude são as únicas armas da sua luta... Quem, pela manhã, ler um jornal judeu e não tiver sido pelo mesmo difamado, não aproveitou bem o seu dia». Pág. 298).

PS — E sôbre a criação do Estado de Israel?

H — «Os judeus não cogitam absolutamente de implantar na Palestina um Estado para ali viverem... Querem apenas um refúgio seguro para a sua canalhice, isto é, uma academia para a educação de trapaceiros» (pág. 277). «Se os judeus fôssem os habitantes exclusivos do mundo, não só morreriam sufocados em sujo e porcaria, como tentariam vencer-se e exterminar-se mùtuamente». (pág. 258).

PS — Há uma raça superior? Por que acredita nisso?

H — «Os arianos — raça que foi e é o expoente do desenvolvimento cultural da humanidade» (pág. 251). «Com assombrosa clareza e experiência histórica demonstra que, em tôda mistura de sangue entre o Ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador» (pág. 244).

PS — Trata-se, então, de uma predestinação?

H — «Genialidade verdadeira é sempre inata» (pág. 250).

PS — Como vê o sr. as massas populares?

H — «Assim como as mulheres, cuja receptividade mental é determinada menos por motivos de ordem abstrata do que por uma indefinível necessidade sentimental de uma fôrça que as complete, e, por isso, preferem curvar-se aos fortes a dominar os fracos, assim também as massas gostam mais dos que mandam do que dos que pedem (Pág. 43). «A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas, em compensação, a capacidade de esquecer é grande». (pág. 157).

PS — Os fundamentos da sua visão do mundo não são irracionais?

H — «Em política, não é raro o sentimento decidir mais acertadamente do que a razão». (pág. 151).

PS — Qual é a reação quando lhe falam do êxito de um negro?

H — «Um negro tornou-se advogado... Não se apercebe êste desmemorizado mundo burguês que se trata de um ultraje à nossa razão? Pois é uma criminosa idiotice adestrar, durante muito tempo, um meio macaco, até que se acredite que êle se fêz advogado, enquanto milhões de indivíduos pertencentes às mais elevadas raças permanecem em uma posição inteiramente indigna dêles» (pág. 358).

PS — Mais uma pergunta: o sr. termão?

Chefe de Polícia fascista tentou impedir manifestação

REPÚDIO TOTAL EM SANTA CATARINA À AGRESSÃO DOS EUA CONTRA CUBA

FLORIANÓPOLIS, abril (do Correspondente Fernando Pereira) — Diversas manifestações foram realizadas nesta capital, nos dias que se seguiram à invasão de Cuba por mercenários a serviço dos imperialistas norte-americanos, de solidariedade ao povo cubano. Estudantes e trabalhadores manifestaram nas ruas seu repúdio ao ato covarde e, na Assembléia Legislativa, numerosos deputados se pronunciaram em defêsa da Revolução de Fidel Castro e condenaram a intervenção dos Estados Unidos.

De realce foi o pronunciamento da Comissão Santa-catarinense contra a intervenção em Cuba, que divulgou um vibrante manifesto ao povo do Estado. O documento foi assinado, entre outros, pelo deputado federal e vice-governador Doutel Andrade, pelo deputado Agostinho Mignoni, primeiro secretário da Assembléia Legislativa, pelos vereadores Moacir Pereira, presidente da Câmara de Florianópolis, Hélio Peixoto, Júlio Paulino da Silva, Manoel Alves Ribeiro, Domingos F. de Aquino e pelos vereadores de Criciuma Vânio Faraco e Manoel Ribeiro. O documento também foi assinado por dirigentes sindicais de todo o Estado.

Violências

Durante as manifestações em defêsa de Cuba, a polícia de Florianópolis cometeu violências contra dirigentes sindicais e estudantis. Por ordem do Secretário de Segurança do Estado, foram efetuadas prisões de sindicalistas que distribuíram panfletos. José Adil de Lima, Vivaldino Francisco da Rosa e Walter Francisco da Rosa, os três líderes aprisionados, foram imediatamente postos em liberdade graças à intervenção e ao protesto de todos os líderes sindicais de Florianópolis, que se dirigiram ao governador, exigindo a soltura dos líderes. O sr. Celso Ramos, na oportunidade do encontro, condenou a arbitrariedade cometida pelo secretário de Segurança e prometeu aos líderes sindicais que as liberdades democráticas seriam garantidas em tôda a linha.

Apêlo ao govêrno brasileiro para que vote na ONU a favor da autodeterminação dos povos

VITÓRIA: ATO POPULAR DE SOLIDARIEDADE AO POVO CUBANO

VITÓRIA (E. Santo), (do Correspondente) — O povo desta capital viveu com emoção e indignação os dias da covarde agressão norte-americana contra o povo cubano. Numerosas manifestações de protesto foram realizadas e grande número de pronunciamentos de solidariedade a Cuba foram formulados por personalidades políticas, líderes estudantis e sindicais e de organizações populares.

Dentre as manifestações realizadas em Vitória, destacou-se o grande ato público realizado no dia 21, nas escadarias da Assembléia Legislativa, do qual participou grande massa de assistentes. O ato, convocado pela comissão que patrocinava uma conferência do ex-deputado fluminense Lincoln Oest, foi expressivo, além da presença popular, pela participação de numerosas personalidades.

Antes do sr. Lincoln Oest, usaram da palavra o sr. Otávio F. Goffredo, delegado do Trabalho; o deputado Mário Gurgel, presidente da Assembléia Legislativa do Estado; o deputado Maia de Carvalho; o vereador Elie Moussatché; o sr. Manoel Santana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas e o sr. Duzidio Ribeiro, do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil.

Comissão de Solidariedade

Ao encerramento do ato, por proposta do sr. Otávio Goffredo, foi aprovada a constituição de uma Comissão de Solidariedade a Cuba. Também foi aprovado, na ocasião, o envio de telegramas de solidariedade ao povo cubano e a seu govêrno e de protesto contra a covarde agressão imperialista. Foi endereçado também telegrama ao presidente Jânio Quadros, exprimindo a esperança de que o govêrno brasileiro adote firme atitude na defesa do princípio de autodeterminação dos povos e que determine à nossa delegação na ONU que vote de acôrdo com os interêsses do povo cubano.

COMÍCIO EM BRASÍLIA: SOLIDARIEDADE A CUBA

Realizou-se, quinta-feira, dia 20, às 20 horas na Praça D. Bosco, na Cidade Livre, um comício de solidariedade a Cuba. Convocado por um manifesto assinado por mais de 20 deputados, presidente do Sindicato dos Trab. na Construção Civil, da Associação dos Ambulantes, da Associação dos Funcionários da NOVACAP e outros representantes de Associações profissionais e de moradores das cidades satélites, o ato teve grande repercussão.

Falaram os deputados Celso Brant, José Silveira, Silvio Braga, Neiva Moreira (contou o incidente que tiveram com o Cabot) e Bento Gonçalves, presidente da FPN, que encerrou o comício. Além de outros oradores, mais Heitor Silva, presidente do Sind. Trab. Construção Civil, Vicente Medeiros, vice-presidente da Associação dos Servidores da NOVACAP, José Rodrigues da Silva, em nome do presidente da Associação dos Ambulantes, Francisco Carvalho, da Associação dos Moradores de Vila Dimas. Foram lidos o telegrama de solidariedade a Cuba e protesto contra a invasão assinado por jornalistas e um memorial de moradores de Sobradinho ao embaixador de Cuba.

Povo de Petrópolis a favor de Cuba e contra EUA

Telegramas com dezenas de assinaturas foram enviados às embaixadas cubana e norte-americana, a propósito da invasão de Cuba. No primeiro, o povo petropolitano expressava sua solidariedade ao povo cubano, e, no segundo, protestava junto às autoridades ianques contra a intervenção em Cuba.

Sindicatos de Petrópolis contra invasão de Cuba

Líderes sindicais da cidade de Petrópolis encaminharam telegrama à embaixada norte-americana e à Organização das Nações Unidas, manifestando o seu repúdio à invasão de Cuba. Simultâneamente, enviaram telegrama à embaixada cubana, prestando o seu apoio e solidariedade à luta de libertação do bravo povo de Cuba.

Pela legalidade do PCB e contra intervenção em Cuba

A Câmara Municipal de Cabo Frio aprovou moção apresentada pelo vereador Francisco Ribeiro, pela legalidade do Partido Comunista do Brasil.

Na mesma sessão foi aprovada moção de protesto contra a intervenção norte-americana em Cuba.

Nova Iguaçu: Câmara Municipal quer o PCB legal

A Câmara Municipal de Nova Iguaçu encaminhou moção à Câmara dos Deputados, solicitando que sejam tomadas as providências necessárias a fim de que o Partido Comunista do Brasil passe à legalidade.

Vereadores de N. Iguaçu aplaudem feito de Gagárin

A Câmara Municipal de Nova Iguaçu aprovou moção apresentada pelo vereador Nilo Dias Teixeira, expressando congratulações aos cientistas e ao povo soviéticos pelo lançamento do primeiro cosmonauta, Iuri Alexeievitch Gagárin.

Ajuda à NOVOS RUMOS

Mariola — Bonsucesso — Rio	500,00
J. C. — Rio	50,00
Amigos de Angra dos Reis — E. Rio	1.000,00
Gambeta — Rio	1.000,00
Um amigo — Guanabara	100,00
Amigos Árabes — Curitiba	1.000,00
4 ferroviários de Comocim — Ceará	1.000,00
	4.650,00

Experiências Dos Metalúrgicos no Trabalho de Sindicalização

JOSÉ LELIS DA COSTA, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara

O nosso sindicato foi fundado em 1º de maio de 1917. Naquela época os nossos companheiros eram duramente perseguidos pelas autoridades governamentais. Várias vêzes a nossa entidade foi fechada pela polícia. Mas os nossos heróicos companheiros sempre conseguiram reabri-lo.

A partir de 12 de novembro de 1932, quando voltou a ser reorganizado, o nosso Sindicato entrou em uma nova fase de sua existência. Os velhos lideres começavam a levar à prática as suas experiências. Uma campanha reivindicatória de envergadura foi iniciada, ao mesmo tempo que começou a luta para levar o Sindicato até as emprêsas, organizando nelas os Conselhos Sindicais. Dêsse modo, em 1947, já o nosso Sindicato contava com mais de 200 Conselhos Sindicais de fábricas e oficinas, e com mais de 20 mil metalúrgicos sindicalizados.

Em 1947, as hostes reacionárias em nosso país, assustadas com o avanço do movimento operário, resolveram golpear, mais uma vez, a classe operária. O govêrno de então, General Dutra, interveio em mais de 400 sindicatos, entre os quais o dos metalúrgicos cariocas. Esta intervenção durou sete longos anos. Com isso, os trabalhadores abandonaram em massa sua entidade que ficou reduzida a 4 mil sócios, e os Conselhos, foram dissolvidos outros ficaram um tanto inativos, mas outra continuaram atuando. As lutas reivindicatórias foramsufocadas.

Em 1953, após grandes movimentos de massas, o Sindicato volta à sua vida legal, as correntes antagônicos logo a seguir se unificam, e os movimentos começam a se desenrolar. A entidade passa a dirigir com mais objetividade as campanhas reivindicatórias da corporação e participar das lutas gerais do movimento operário. Os Conselhos Sindicais das fábricas e oficinas já ultrapassavam em várias dezenas a casa dos cem, e o quadro social aproximava-se dos 30 mil.

Os companheiros que estão à frente dos destinos da corporação nos últimos 7 anos, têm aplicado uma série de experiências do passado, principalmente no terreno da organização nas emprêsas. Olhando-se de cima para baixo, vê-se que a Diretoria do Sindicato se apóia, inicialmente, em várias comissões auxiliares como as de Recreação, Cultura e Sindicalização. Em seguida, tendo em vista que os 65 mil metalúrgicos estão espalhados pelo Estado da Guanabara e seis municípios do Estado do Rio, a Diretoria apóia-se nas Delegacias Sindicais, em número de cinco, para facilitar a assistência aos companheiros que ficam distantes da sede central, dando-lhes os meios necessários para solucionar os seus problemas e conquistar suas reivindicações. Entretanto, a mola mestra que impulsiona as lutas são os Conselhos existentes nos locais de trabalho.

Os Conselhos Sindicais estudam os problemas existentes no local de trabalho, tais como de higiene, segurança no trabalho, aumento de salário, condições de vida, levam a orientação do Sindicato e trazem ao mesmo tempo informações sôbre o que se passa nas emprêsas; parlamentam com as direções das fábricas sôbre êsses problemas no sentido de solucioná-los, etc. Por ocasião das últimas greves realizadas pelos metalúrgicos, os Conselhos Sindicais foram os verdadeiros baluartes da luta e da vitória.

Êsses Conselhos são eleitos pela totalidade ou por maioria dos sócios existentes na emprêsa, por abaixo-assinado, por escrutínio secreto ou por aclamação. Essas eleições podem ser realizadas nos próprios locais de trabalho, nas sedes das Delegacias ou no próprio Sindicato. As eleições obedecem as seguintes normas: emprêsas com mais de 5 e menos de 20 sócios, um delegado e um suplente; com mais de 20 e menos de 50, 3 delegados; com mais de 50 sócios, 3 delegados e quantos delegados auxiliares se fizerem necessários.

Êsses Conselhos têm seus mandatos terminados 30 dias após o fim do mandato da Diretoria eleita do Sindicato. O seus membros podem ser reeleitos. As eleições são, em regra, bastante movimentadas, despertando discussões e disputas dentro das fábricas.

É verdade que nem todos os Conselhos vivem com a mesma intensidade. Isso se explica, ora porque têm à frente dirigentes jovens, sem a necessária experiência, ora pelas dificuldades existentes e também pela falta de assistência da cúpula dirigente do setor, que não se preocupa devidamente com a ajuda dos companheiros que atuam dentro das emprêsas. Quanto a isso já providenciamos a correção dêsses defeitos, através de cursos e palestras devidamente preparados, e que têm sido reclamados insistentemente pelos companheiros de base.

Com referência ao reforçamento do quadro social, estamos realizando uma campanha de sindicalização objetivando 10 mil novos sócios até a 3ª Conferência dos Metalúrgicos, a realizar-se de 5 a 7 de junho vindouro. Com êsse objetivo, além da propaganda escrita e falada, temos realizado palestras nas portas das fábricas, barracas, fixas e sindicalizadores ambulantes, onde mais uma vez os Conselhos de Fábricas têm jogado um importante papel. Onde os seus dirigentes tomam a campanha em suas mãos, os resultados são grandes como na Fábrica Nacional de Motores, onde nos últimos meses foram sindicalizados mais de 1 000 novos companheiros. Em muitas outras emprêsas, os resultados também têm sido animadores.

As experiências nos ensinam que o trabalho principal e fundamental deve ser dirigido para as bases, nos locais de trabalho, procurando-se elevar cada vez mais a capacidade de comando dos dirigentes que ali atuam, para que as massas de trabalhadoras tomem em suas mãos a conquista de suas reivindicações, tanto no terreno econômico, como na político e social.

Lacerda Organiza Missa Estudantes Querem Vaga

Enquanto 50.000 crianças do Estado da Guanabara ficaram impossibilitadas de freqüentar colégio, apesar das promessas enfadonha e raivosamente repetidas durante a campanha eleitoral pelo atual governador (?), as que conseguiram matricular-se são obrigadas a comparecer a homenagens arrumadas para enaltecer o "benfeitor" da educação guanabarina. Foi o que ocorreu sexta-feira, dia 28, quando foi rezada, com a participação de Lacerda, uma missa no Rio Comprido (Lacerda fêz um comício na própria igreja), dizem que patrocinada pelos alunos do Colégio Pereira Passos. Mas nem na missa o ocupante do Palácio Guanabara se viu livre do povo, que, em cartazes como o da foto (polícia à vista), exigiam o cumprimento das promessas esquecidas.

Cineclubismo

Continuamos hoje com o noticiário dos cineclubes cariocas e fluminenses, abordando o que se faz em matéria de cinema no setor estudantil, onde se observa uma grande atividade. O movimento cineclubístico entre os estudantes é liderado pelo "Grupo de Estudos Cinematográficos da União Metropolitana de Estudantes" — isto é, o dinâmico GEC da UME. Êsse cineclube exibe via de regra dois programas por semana, sendo uma sessão para os sócios, às quintas-feiras na ABI, e outra aos sábados no Auditório do MEC franqueada a todos os estudantes e público, às 20 horas. As exibições do GEC correspondem sempre ao estudo dos diversos gêneros cinematográficos, à obra dos principais cineastas antigos e modernos oferecendo-nos a oportunidade de conhecer "ao vivo" a história, a técnica e as tendências da arte cinematográfica.

A finalidade do GEC da UME, além do gôsto pelo próprio cinema, é a difusão da arte cinematográfica em tôdas as escolas e faculdades do Rio de Janeiro, funcionando como um Departamento da União Metropolitana de Estudantes.

As atividades do GEC são bastante variadas, não apenas no setor de exibições o que por si justificaria a sua existência. Atuam o Departamento de Produção de filmes de curta-metragem, estando em fase de montagem o documentário de Paulo Hutchmatcher sob o título LIVROS; em filmagem sob a direção de Carlos Diegues, "Domingo"; em planificação o filme "Rio de Noite", de Cosme Alves Neto. No Departamento de Promoção o GEC está realizando o "I Concurso do Argumento Cinematográfico", em combinação com o jornal "O Metropolitano", e mais a "I Mostra do Cinema Amador Estudantil", programada para junho próximo, já com inscrições abertas. No Departamento de Publicações, já em circulação o opúsculo "Grandes Momentos do Cinema", de diversos autores, e em preparo os seguintes: "Aspectos da Comédia Americana", de Silvando Cardoso; "Forma e Conteúdo em Robert Bresson & Collin Low", de Cosme Alves Neto; "Alfred Hitchcock", análise crítico-histórica de Silvando Cardoso; e "Cinema Sueco", esbôço histórico por B. Kjellin (adido cultural da Embaixada da Suécia). No Departamento de Estudos está sendo distribuído um inquérito sôbre os rumos do cinema, entre críticos, teóricos, técnicos, congressistas, educadores e cineastas em geral; em planificação o "I Curso Básico de Cinema", programado para maio. — Existe ainda o Departamento de Radiodifusão, com o programa Tempo de Cinema, às quintas-feiras às 17 horas, na Rádio Ministério da Educação, fazendo parte do programa Tarde Estudantil.

Como podemos observar é enorme a atividade do GEC da UME, que tem sua sede na Praia do Flamengo, 132, com expediente aos sábados de 15 às 18 horas. O acesso ao quadro social é feito mediante uma mensalidade de setenta cruzeiros para estudante, e 120,00 para não-estudante. O GEC aceita colaboração em quaisquer de seus Departamentos, bastando procurar um de seus diretores nos dias de exibições ou na sede do clube. A diretoria está constituída pelos seguintes cineclubistas: Cosme Alves Neto, Silvando Cardoso, Henrique Mayer e Eduardo Farias.

A Paz de Gagárin

ANA MONTENEGRO

Passem séculos e a história será contada. A história do primeiro cosmonauta. O ano de 1961 será o ano de Gagárin. E o século XX — o século das conquistas sociais — será, também, o século da conquista do espaço. Páginas e páginas nos jornais e revistas de todo o mundo são dedicadas a Gagárin. Suas duas filhas, sua mulher, seus estudos, sua carreira, sua vida. Tôdas as suas palavras sôbre a forma da Terra, sôbre o brilho do Sol e das estrêlas. As môças e os rapazes de Moscou festejaram, nas ruas, o grande feito. Todos os corações se alegraram. Recepções. Convites. E poemas para Gagárin.

Mas há muitas lembranças em tôrno de Gagárin. A lembrança de todos os homens e de tôdas as mulheres que contribuiram para que o major soviético pudesse realizar o grande sonho de tôda a humanidade. O grande sonho que foi lenda e foi profecia. Os homens e as mulheres que trabalharam, noite e dia, pesquisando experimentando, calculando, corrigindo, aperfeiçoando, construindo, com inteligência e, sobretudo, com amor, porque é de amor que precisam os grandes empreendimentos. Os homens e as mulheres do socialismo.

Mas existem outras lembranças ligadas ao lançamento do primeiro homem ao espaço cósmico, que podem servir de têrmo de comparação entre o capitalismo e o socialismo. E é bom falar delas, para que nada se perca dessa vitória do socialismo. Foram sombrios os tempos em que os Estados Unidos andavam de bomba atômica na mão, exibindo poderia. Já tinham feito a matança de Hiroshima e Nagazaki. E ameaçavam o mundo inteiro, ao som das marchas fúnebres do piano desafinado de Truman. E até se contava a história daquele menino americano, a quem o pai oferecia todos os brinquedos, e que os recusava, exigente e desesperado. O psiquiatra aconselhou que lhe dessem uma metralhadora de verdade. Mas o que o menino queria mesmo era uma bomba atômica, para matar tôdas as crianças negras. Pobre menino americano! Foi êsse ódio e essa histeria que mataram os Rozemberg. Mas, agora, é o socialismo que tem em suas mãos o poder da vida e da morte. E oferece a vida a tôdas as crianças americanas, as brancas e as negras, oferecendo-lhes a Paz. E isso é uma beleza! Tôdas as moças e tôdos os rapazes, nas ruas de tôdas as cidades, podem festejar Gagárin. Sua mãe. Na história, nas palavras, na vida, no feito de Gagárin não existem ameaças. Nas festas e nos poemas, sôbre a Terra, sôbre o Sol, sôbre as estrêlas, há uma grande promessa: Paz. A Paz de Gagárin. A Paz que o socialismo oferece ao mundo

Ana Montenegro

Os Trabalhadores da GB e o 1.º de Maio

LOURIVAL COSTA

Nas comemorações do dia 1º de Maio, que os trabalhadores do Estado da Guanabara levaram a efeito, quer em suas respectivas sedes sindicais quer nas portas das fábricas e culminando com o comício na Praça da Bandeira, ficou bastante clara e perfeitamente definida a disposição em que se encontra a classe operária de prosseguir na luta há muito iniciada e conquistar o bem-estar de todo o povo e o progresso da Nação.

Se de um lado os trabalhadores demonstravam preocupações em face da diminuição do salário real, como conseqüência inevitável da política inflacionária, agravada fortemente pela recente Instrução 204, que em poucos dias determinou em 80% o aumento do preço do gás engarrafado, em 30% o aumento do pão e macarrão, em 15% o aumento nos preços dos transportes e, de forma astronômica, o aumento nos preços do vestuário, de outro lado percebia-se, claramente, o entusiasmo que estavam possuídos, convencidos e conscientes de que os agruros, a exploração e a opressão terão um fim, e que, como classe, têm um futuro definido, representam e defendem o que existe de mais progressista.

Comemorando o 1º de Maio os trabalhadores cariocas externaram os seus pontos-de-vista, reivindicações que não só a êles pertencem, procurando assim contribuir para as soluções dos problemas que atingem a todo o povo. Além disso, a festa dos trabalhadores tal como se realizou foi também um chamado para a ação das demais fôrças e camadas interessadas no progresso e no desenvolvimento independente dêste país, mostrando assim mais uma vez que a classe trabalhadora avança no sentido de ocupar o lugar que lhe compete no cenário político do Brasil, desempenhando portanto o seu papel de fôrça motriz.

Os problemas levantados, a argumentação dos oradores, o plano de ação apresentado, revelam antes de tudo a maturidade do movimento operário que se vem tornando uma fôrça ponderável e respeitável, com capacidade de influir na conjuntura política nacional. Êste esforçado e objetivo trabalho apresentado, é obra e fruto das lutas realizadas pelos trabalhadores, sucessivas reuniões, conferências e congressos que o movimento operário tem levado a efeito. E' conseqüência, portanto, de um trabalho coletivo, de amplos debates com a participação de milhares de trabalhadores e não a expressão de um pensamento isolado de um grupo ou de pessoas.

Não se trata de tarefas a serem cumpridas e de metas a serem atingidas, exclusivamente pelos operários. As reivindicações expostas são de tal envergadura que exigem a mobilização das demais camadas da população que também virão a ser beneficiadas com a vitória das medidas realistas e objetivas propostas.

O plano de ação consiste nas seguintes reivindicações: aumento de salários e vencimentos, revisão do salário mínimo; aprovação da lei antitruste, limitação da remessa de lucros para o estrangeiro; isenção do impôsto de rendas sôbre os salários até 5 vêzes maior que o salário mínimo; salário móvel e profissional, escolas públicas para o povo e reforma agrária, além da defesa dos direitos de greve, livre organização sindical e popular e luta pelo cumprimento da Lei Orgânica da Previdência Social e sua extensão aos trabalhadores domésticos e rurais. Solidariedade com os povos coloniais que lutam por sua emancipação e o apêlo feito ao presidente da República para que se mantenha na posição de respeito à autodeterminação de todos os povos e do povo cubano particularmente.

A posição da classe operária no ensejo das comemorações do 1º de Maio significa um estímulo a todos os patriotas para a batalha que vem sendo travada pela emancipação econômica de nosso país, pela preservação da paz e por melhores dias para o povo brasileiro.

Posse de Falsos Líderes Une Lacerda a Deocleciano

O governador Carlos Lacerda deu posse à nova diretoria da Federação Nacional dos Marítimos. O ato se realizou não na sede daquela entidade, mas na da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria. O sr Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, muito entusiasmado com a «eleição» do sr. Larciso Couto por entidades que não chegam a representar 15% dos trabalhadores do mar, e mais entusiasmado ainda com a presença do governador da Guanabara, chamou o sr. Lacerda de «o paladino da liberdade e da democracia» e de «o governante de que o Brasil precisa». Lacerda, por outro lado, disse que Deocleciano «é um autêntico líder sindical». Deocleciano, que continua implicado no destino de milhões de cruzeiros do Fundo Sindical, era antes chamado de «ladrão», de «pelego sujo» e outras coisas assim pelo atual governador da Guanabara. Hoje êles estão juntos, defendendo a «democracia, ao lado do sr. Larciso Couto. Deocleciano «defende a democracia com o dinheiro do Fundo Sindical e da Orit. Larciso a «defende» com o dinheiro que Carlos Lacerda lhe arranja.

E foi isso que os líderes realmente representativos dos trabalhadores marítimos denunciaram no Conselho da Federação Nacional dos Marítimos: Lacerda financiou as eleições do sr. Larciso de Almeida Couto. Deu dinheiro para quitar entidades que estavam em atraso com a Federação. Deu dinheiro para a compra de votos de representantes de sindicatos-fantasma. Ninguém contestou essas acusações.

Larciso foi eleito com os votos dos delegados que não chegam a representar 15 por cento dos trabalhadores marítimos. Mas foi uma vitória de Pirro. Traidor confesso, signatário do manifesto que condenava a greve vitoriosa dos marítimos pela paridade, juntamente com alguns dos seus sócios de diretoria, Larciso não teve nem coragem de entrar na sede da Federação Nacional dos Marítimos para tomar posse. Preferiu procurar a sede da CNTI, onde realizou uma festa íntima com Lacerda, Parmigianni, Deocleciano e os eufóricos representantes da ORIT. Os trabalhadores do mar, entretanto, continuarão honrando a sua longa tradição de luta, reforçando os seus sindicatos, intensificando as lutas pelas suas reivindicações e exigindo a modificação do atual sistema de eleições para a Federação, que permite a representação da classe por um representante dos seus piores inimigos.

Brocoió em foco

As montanhas de lixo elevam-se para as alturas, em busca do espaço sideral, enquanto se sucedem as explicações para as constantes crises de falta dágua. O governador Lacerda, entretanto, não perde tempo. Às vésperas da convenção da UDN, enviou ao Recife uma mensagem penabotista, aconselhando o partido a tomar o caminho do mais indócil anticomunismo. Condenou, ao mesmo tempo, as anunciadas medidas do govêrno, referentes às relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas. A mensagem de Lacerda foi posta de lado e a convenção resolveu aplaudir a política de relações com os países socialistas.

Entre as manifestações de 1º de maio organizadas pelos sindicatos de trabalhadores e as festas promovidas em Bangu pela Industrial Silveirinha, é claro que Lacerda optou por Bangu. Lá, fêz, um discurso patronal, arranchando, a seguir, com numerosa comitiva, na mesa dos donos da fábrica.

Na mensagem aos convencionais de Recife, Lacerda confessou que não é nacionalista, o que equivale a uma profissão de fé entreguista.

Em Bangu, deixou mais uma vez evidenciada, sua posição de instrumento da exploração do homem pelo homem. Não foi hóspede dos trabalhadores, mas dos donos da fábrica. O frade onde prega aí janta.

JOSÉ VICENTE

Democracia de Lacerda fugiu para Bangu

O último Primeiro de Maio serviu, dentre outras coisas, para que o sr. Carlos Lacerda demonstrasse, mais uma vez, o seu policialismo e o seu ódio mortal aos trabalhadores e à democracia. O governador udenista, durante todo o tempo em que teve à sua disposição uma tribuna parlamentar de oposição, não se cansou de condenar o peleguismo e clamar pela liberdade sindical «autêntica». Agora, porém, poucos dias depois de confraternizar com o mais corrupto pelego do sindicalismo brasileiro — o milionário Holanda Cavalcanti —, procurou por todos os meios sabotar as comemorações independentes dos trabalhadores cariocas no Primeiro de Maio, negando-se a fornecer até um simples palanque para a Praça da Bandeira (depois de haver empenhado a palavra). E como se isso fôsse pouco, pretendeu intimidar os trabalhadores, mobilizando ostensivamente todo o seu aparato policial. Êsse é apenas um aspecto da liberdade «autêntica» que tantas vêzes serviu de tema para os empolgados discursos parlamentares do delator de Aragarças.

Porque há um outro aspecto, igualmente expressivo: enquanto na cidade os policiais ameaçavam o céu, a terra e o mar, o seu chefe, governador Lacerda, ia passar todo o dia festejando «livremente», com o sr. Guilherme da Silveira, um Primeiro de Maio tipicamente patronal e de encomenda.

Que fêz o sr. Lacerda da liberdade sindical «autêntica», dos desesperados protestos contra o peleguismo e o paternalismo operário, que até há um ano ribombavam pelas salas e corredores do Palácio Tiradentes e que alguns cariocas de boa fé levaram a sério demais? A democracia lacerdista fugiu para Bangu, para o aconchego dos Silveirinha, depois de deixar a sua marca nos carros de assalto que rondavam os sindicatos e cercavam os locais em que os trabalhadores comemoravam, lutando contra o entreguismo e a reação, o verdadeiro Primeiro de Maio.

De braço dado

Antes, o agitado pasquineiro da rua do Lavradio investia, furiosamente contra Deocleciano de Hollanda Calvalcanti, o homem que enriqueceu desviando milhões do Fundo Sindical. Agora, na posse — mais farsa que eleição — de Larciso Couto, os dois erguem-se brindes, rasgam-se em elogios, como dois bons irmãos que passaram uma temporada afastada e agora se reencontram.

FIDEL ANUNCIA AO MUNDO O NASCIMENTO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA EM CUBA

Havana: 3 Milhões de Cubanos Aclamaram Nas Ruas o Primeiro Estado Socialista da América

«Cuba é uma nação socialista!... O socialismo não agrada ao senhor Kennedy mas, por outro lado, nós detestamos o imperialismo e o capitalismo» — milhões de pessoas aclamaram entusiàsticamente em Havana, na mais gigantesca manifestação de 1º de Maio já realizada na América, o discurso do primeiro-ministro Fidel Castro, anunciando a proclamação do Estado socialista em Cuba.

Em seu discurso, pronunciado pouco após o término do desfile de trabalhadores, camponeses, estudantes e milicianos que durou 17 horas, Fidel Castro declarou também: «Temos o mesmo direito que os norte-americanos e queixamo-nos da existência de uma nação capitalista a 144 quilômetros da nossa costa da mesma forma que os estadunidenses protestam contra a existência de um país socialista como o nosso a mesma distância de suas praias».

Aos gritos de «Não! Não!», a multidão respondeu à pergunta de Fidel sôbre a necessidade da realização de eleições. «Doravante — anunciou o primeiro-ministro depois disso — nossas decisões serão tomadas com base nas manifestações populares semelhantes a de hoje».

A proclamação

As primeiras horas do dia 1º de Maio, antes do início das manifestações, a Rádio de Havana divulgou a proclamação do primeiro-ministro Fidel Castro e do presidente Dorticós, anunciando «o nascimento da revolução patriótica, democrática e socialista» de Cuba.

«Entramos — diz o documento — na era da construção socialista, com os meios de produção em poder da classe trabalhadora, depois de conquistada a plenitude do poder político junto a Fidel e a nossos líderes revolucionários, que são a mais elevada expressão do povo».

Depois de afirmar que junto à revolução cubana se encontram «os corações solidários do poderoso mundo socialista, liderado pela grande União Soviética e pela República Popular da China», a proclamação apela à «solidariedade combativa dos povos do mundo na luta comum para derrubar definitivamente tôdas as manifestações da exploração do homem pelo homem».

As manifestações

Mais de 3 milhões de pessoas, quase a metade da população cubana, se concentraram em Havana para comemorar o 1º de Maio, o nascimento da nação socialista e a grande vitória contra os mercenários que invadiram Cuba. O desfile de milicianos, trabalhadores, camponeses e estudantes foi presenciado por mais de 600 mil pessoas que se concentravam na Praça Cívica e arredores. A primeira coluna entrou na praça às 8 horas da manhã, tendo à frente Fidel Castro, Dorticós, «Che» Guevara, o líder sindical Lázaro Peña e Blas Roca, presidente do Partido Socialista Popular.

Logo depois, desfilavam as delegações. Abrindo o cortejo apareceram os convidados estrangeiros, mais de 1.000, que desfilaram acenando grandes chapéus de camponeses para a massa humana que os aplaudia. Em seguida, meninos e meninas com flôres e balões, e atletas conduzindo grandes retratos de Fidel, Dorticós, Guevara, Camilo Cienfuegos e Karl Marx.

Carros alegóricos de crítica ao imperialismo e à malograda invasão, assim como simbolizando o trabalho desfilaram também. Os de crítica provocavam exclamações de entusiasmo. No fim, desfilaram os milicianos empunhando suas armas.

No palanque oficial, além das altas autoridades do govêrno cubano e dos representantes diplomáticos de todos os países socialistas e neutralistas, se encontravam o general Henrique Lister, que comandou o Exército Republicano durante a guerra civil espanhola, e Luís Corvalán, presidente do Partido Comunista do Chile.

Na URSS

A revolução cubana e a luta do povo antilhano foram também motivo, ao lado do feito de Gagárin, das manifestações de 1º de Maio em Moscou. Durante o desfile na Praça Vermelha numerosas delegações se apresentaram empunhando grandes retratos de Fidel Castro e faixas que traduziam a solidariedade do povo soviético aos cubanos que começaram a construir o socialismo na América. Na proclamação lida na Praça Vermelha antes do início do desfile, o marechal Malinovsky fêz menção especial a Cuba, declarando entre outras coisas que a «União Soviética e os países do campo socialista darão tôda espécie de auxílio e proteção Cuba contra quaisquer agressões». O marechal Malinovsky advertiu os imperialistas sôbre o perigo que pode acarretar para o mundo uma agressão norte-americana àquêle país.

Também no dia 1º de Maio a Comissão Internacional dos Prêmios Lênin da Paz anunciou que Fidel Castro tinha sido distinguido com êsse galardão por «consagrar tôda a sua vida à nobre causa dos povos pela liberdade e pela independência».

Sessão solene

Na manhã do dia 1º de Maio, no cine Paramount, o Conselho Sindical realizou uma sessão solene (foto) comemorativa da data internacional dos trabalhadores. Além da presença dos representantes do governador do Estado e do vice-presidente da República, compareceram à solenidade o vice-governador Porfírio da Paz, e o dirigente da FSM Luigi Grassi.

SÃO PAULO:

Milhares de Trabalhadores no 1.º de Maio Aplaudem a Revolução Cubana

Convocado pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores, realizou-se no dia 1.º de Maio, em São Paulo, pela manhã, no Cine Paramount, uma sessão solene comemorativa, com a participação de milhares de operários, líderes sindicais e parlamentares.

Por designação do presidente dos trabalhos, sr. Luiz Menossi, os dirigentes sindicais Pedro Iovine e Orlando Coutinho pronunciaram discursos sôbre a data, historiando os feitos do proletariado no passado, desde os tempos de Sacco e Vanzetti, "martires inesquecíveis da classe operária", até os nossos dias, "quando para os trabalhadores de todo o mundo abrem-se extraordinárias perspectivas de progresso social."

Reivindicações conquistadas

Dando um balanço nas vitórias do proletariado brasileiro nos últimos anos, o sr. Orlando Coutinho, destacou a libertação e redemocratização dos órgãos sindicais, a conquista de salários em níveis superiores aos admitidos pelas estatísticas oficiais, Lei Orgânica da Previdência Social, revalorização dos níveis de salário mínimo, paridade entre civis e militares, direito de greve com a derrota, na prática do decreto 9070.

Reportou-se ainda o orador ao III Congresso Sindical Nacional, diálogo democrático que permitiu ao proletariado sair mais unido e elaborar um programa de reivindicações que informa, no momento, acrescido de outros anseios da classe operária, o movimento sindical brasileiro. No setor das liberdades democráticas, acentuou a participação dos trabalhadores, de maneira ativa e decidida, na defesa da Constituição e contra ameaças de golpes de Estado, preservando assim para todos os brasileiros condições para o usufruto dos direitos constitucionais. Finalmente, afirmou o sr. Bonilha, em nome do Conselho Sindical dos Trabalhadores, todo o apoio do proletariado bandeirante ao povo cubano em sua luta pelo respeito, por parte dos Estados Unidos, de seu direito à autodeterminação.

Conclamando o proletariado a manter-se unido para a defesa de suas reivindicações, por aumento salarial em consonância com o elevado custo das utilidades, o sr. Orlando Coutinho encerrou sua oração, sob aplausos gerais, o mesmo ocorrendo quando do discurso do sr. Pedro Iovine.

Impôsto de renda

O deputado Franco Monteiro, autor de projeto isentando os trabalhadores (até cinco vêzes o salário mínimo) do impôsto sôbre a renda, usou da palavra para expor item por item o conteúdo daquela propositura e convidar o proletariado a dirigir-se ao Senado para exigir que os que ali têm assento aprovem uma medida que beneficiará a todos os que, pobres, não devem pagar pelos ricos. "Se o govêrno quer renda, que vá buscá-la junto aos ricos, com os poderosos, e não com os que, vivendo de salários insuficientes, enfrentam o custo de vida com as dificuldades que todos conhecem". A propósito do assunto, o Conselho Sindical, no final da sessão, aprovou moção dirigida ao Senado e recomendando aos sindicatos que desenvolvessem luta de apoio ao projeto de autoria do sr. Franco Montoro.

Porfírio da Paz

O general Porfírio da Paz, recordando suas antigas posições de luta em favor do monopólio estatal do petróleo, da paz e pela melhoria salarial dos trabalhadores, foi um orador dos mais aplaudidos. O êxito de sua oração foi assinalado quando, condenando os efeitos da Instrução 204, recomendou ao govêrno do sr. Jânio Quadros que mudasse de política: ao invés de mandar o trabalhador apertar o cinto, que obrigasse os tubarões a diminuirem apenas dois furos de suas ricas cintas, tirando dêles dos poderosos, os recursos de que necessita o seu govêrno. No final de sua oração, anunciou que o "chefe dos piqueteiros" da grande greve de 1954, estaria no dia 12 próximo, à frente do proletariado, em sua manifestação de protesto contra o custo de vida e por reajustamento salarial.

Luigi Grassi: F. S. M.

O representante da Federação Sindical Mundial, Luizi Grassi, foi recebido com grandes e demorados aplausos do auditório. "Trago-vos, disse, a mensagem fraternal e de unidade dos trabalhadores italianos, em particular, e dos 186 milhões de operários organizados sob a bandeira da Federação Sindical Mundial. Desejo-vos êxitos na grande luta pelo progresso social, pelo bem-estar, pela paz mundial. A Federação Sindical Mundial acompanha com interêsse e aplaude os esforços desenvolvidos pelos trabalhadores paulistas e brasileiros pela unidade e a democracia. Viva a paz mundial! Viva o 1.º de Maio! Viva a unidade dos trabalhadores!"

Cuba!

Representado pelo sr. Crocratt de Sá, o sr. João Goulart, vice-presidente da República, enviou mensagem aos trabalhadores, reportando-se às reivindicações salariais e afirmando propósitos nacionalistas e democráticos. Em nome do líder trabalhista, à margem da mensagem, o sr. Crocratt de Sá enalteceu a revolução cubana, apontando-a como um exemplo para todos os povos oprimidos. O orador mostrou ainda que Cuba soube lutar valentemente nada temendo, confiante em suas próprias fôrças e no apoio solidário dos povos. O numeroso público, de pé, aplaudiu delirantemente suas últimas palavras, enquanto de tôdas as partes da assistência partiam palavras de elogio a Fidel Castro.

Tenório denuncia

O sr. Luiz Tenório de Lima, presidente eleito e empossado da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo, demoradamente aplaudido pelos trabalhadores pronunciou veemente discurso abordando as reivindicações dos trabalhadores em face da elevação do custo de vida. Referindo-se a manobras do sr. Francisco José de Oliveira, por êle derrotado no pleito, visando à anulação das eleições, o líder Tenório de Lima denunciou-o como responsável por sérias irregularidades na Federação da Alimentação, afirmando textualmente: "Que tipo de democracia a documentação deixada pelo ex-presidente da Federação nos mostra? Malversação do patrimônio dos trabalhadores é democracia? Mandonismo pessoal é democracia? Dirigir uma entidade, por quase duas gestões, sem reunir a diretoria, é democracia? Dispor de milhões de cruzeiros da entidade sem ouvir o Conselho de Representantes, sem ouvir os companheiros de diretoria, sem constar de nenhuma ata, tudo isso é democracia? Arbitrar o preço de um veículo pertencente à Federação e comprá-lo sem autorização da diretoria é democracia? Fixar o próprio salário e aumentá-lo a seu bel prazer é democracia? É democracia fazer conchavos com os patrões em tôrno de 16% de aumento para os trabalhadores? É democracia defender um implicado no desvio de oito milhões de cruzeiros na Comissão do Impôsto Sindical?"

Outros oradores

Usaram da palavra ainda o deputado Jetero de Faria Cardoso, Orlando Coutinho, Francisco Floriano Dezen, Luiz Menossi e como último orador o delegado do Trabalho sr. Rezende Puech. Além do vice-presidente da República, mandou representante ao ato o sr. Carvalho Pinto, na pessoa do secretário do Trabalho, sr. Paulo Marzagão.

Comício na Sé

Patrocinado pelo Partido Trabalhista, Partido Comunista, Partido Socialista e Frente Nacionalista, realizou-se na praça da Sé um comício com a participação de cêrca de 5 mil pessoas.

Marcado para 18 horas, o comício teve início às 17 horas, quando já era expressiva a presença do povo, fazendo-se ouvir diversos populares, dirigentes sindicais e estudantis. Em seguida, abrindo oficialmente a reunião, usou da palavra o sr. Rio Branco Paranhos, em nome do PTB, exaltando o significado da data. E depois, ocuparam a tribuna os srs. Febus Gicovate (PSB), Alonso Cervantes (comunista), Freitas Nobre (PSB, vice-prefeito) Cid Franco (PSB), Enio Sandoval Peixoto (representando Luiz Carlos Prestes), Jofre Prestes (PTB-Metropolitano), João Louzada (Sindicato da Construção Civil), Daniel Marum (Frente Nacionalista), Edgard Leuenrotti, anarquista, além de outros.

Revolução Cubana

Ostentando faixas e cartazes alusivos principalmente à revolução cubana, populares deram desde cedo a tônica do comício. Os oradores, na sua maioria, exaltaram os feitos dos revolucionários cubanos, obtendo grandes aplausos do povo. O sr. Febus Gicovate, do Partido Socialista, afirmou: "a revolução cubana está ainda sob ameaças por parte do govêrno norte-americano; devemos estar preparados para socorrer os nossos irmãos de Cuba, mesmo com o derramamento de nosso sangue, se uma intervenção se efetivar; devemos estar prontos para defender, em qualquer terreno, a primeira república socialista democrática das Américas". Os srs. Alonso Cervantes e Enio Sandoval Peixoto, além de examinarem o panorama político mundial, onde se destaca com realce o campo socialista, erigido em poderoso sistema a serviço da democracia, do socialismo e da independência dos povos oprimidos pelo imperialismo, exaltaram também a revolução cubana, a todos convocando para emprestar-lhe o mais decidido apoio. O sr. Enio Sandoval Peixoto, representando Luiz Carlos Prestes, leu sob fortes aplausos uma mensagem do líder comunista examinando a situação nacional e conclamando o povo a lutar pela libertação econômica do país; ao mesmo tempo em que deve intensificar seus esforços em prol da revolução de Fidel Castro.

Legalidade para o PCB

O vice-prefeito Freitas Nobre, exaltou os mártires de Chicago, examinando a questão operária no Brasil, as vitórias dos trabalhadores e as possibilidades de emancipação de nosso país. Com veemência, muito aplaudido pela multidão, reclamou legalidade para o Partido Comunista do Brasil, estranhando que em um regime constitucional uma organização de trabalhadores não tenha registro legal, e sofra com isso as desvantagens da ilegalidade. Como os demais oradores, aplaudiu a República Socialista de Cuba, apontando-a como um exemplo para os povos da América.

O sr. Frota Moreira, representando o sr. João Goulart, analisou a importância da frente única dos partidos populares em defesa das reivindicações do povo e dos princípios que informam movimentos revolucionários como o de Fidel Castro.

Internacional

Grupos de populares, no final da manifestação, cantaram trechos da "Internacional", hino de luta dos trabalhadores, em meio da curiosidade de dezenas de pessoas.

ÊLE NÃO TEM BIGODINHO MAS TEM TOPETE

Kennedy no Caminho de Hitler: Fascismo e Guerra Para "Salvar" o Imperialismo

Em Nova Iorque e tôdas as demais cidades dos Estados Unidos, no dia 28 de abril último, o soar das sirenes anunciava lùgubremente um exercício contra um hipotético ataque de foguetes portadores de armas nucleares. As ruas ficaram desertas, um silêncio mortal caiu sôbre a nação americana. Milhões de pessoas, nos abrigos antiaéreos, aguardavam angustiadamente o som e a imagem nos aparelhos de televisão instalados em cada um dêles.

Nesse cenário o presidente Kennedy falou mais uma vez ao povo dos Estados Unidos. Cenário adequado ao discurso presidencial, todo êle perigoso e ameaçador repleto de frases e pensamentos que definem a ideologia e o pânico do imperialismo desesperado diante das rápidas modificações que se verificam no mundo, das vitórias dos povos que lutam pela sua independência e emancipação do poderio cada vez maior do campo socialista.

Os discursos do presidente Kennedy, principalmente aquêles proferidos após o fracasso da invasão mercenária contra o território cubano, constituem a mais séria manifestação de caráter nazista do imperialismo após o término da última guerra mundial. Desmascarado em sua política demagógica apresentada com tanta ênfase durante a campanha eleitoral que o levou à Casa Branca, o homem anuncia claramente sua disposição de levar o mundo à guerra para tentar salvar o imperialismo do fim inexorável que se aproxima, declarando alto e bom som que a paz nos dias de hoje "é mais perigosa do que a guerra". Reconhecendo tàcitamente a impotência do capitalismo, como sistema, para enfrentar a competição pacífica com o mundo socialista, apresenta ao povo do seu país o caminho da ditadura e do fascismo com o meio seguro de alcançar a vitória. No seu discurso do dia 27, diante dos diretores de jornais, o presidente referiu-se às "responsabilidades" que se apresentam ao povo americano para enfrentar o desafio pacífico do campo socialista. A que responsabilidades êle acenou? Aquelas da "autodisciplina", isto é, da subordinação completa aos ditames de um Estado policial-fascista, e da "autocensura". Advertiu solenemente os diretores dos jornais sôbre os "perigos" da divulgação de notícias contrárias aos "interêsses nacionais" e acenou com as necessidades da segurança nacional para justificar a sua não divulgação.

O discurso presidencial procura amenizar a concepção ideológica do fascismo, que é o seu fundamental, com frases de efeito como a repugnância pela palavra "sigilo" e outras mais. Entretanto, a verdade é que o presidente já está aplicando a política fascista de fazer calar as bôcas, política muito mais perigosa que o macartismo dos primeiros anos da guerra fria. O Congresso está alarmado com as atitudes presidenciais. Durante a crise cubana aquêles parlamentares mais conhecidos pela sua combatividade, com exceção apenas do senador Wayne Morse, se abstiveram de fazer críticas ao govêrno. O jornalista James Minifie fazia alusão a tal fato, revelando a preocupação dos círculos mais independentes pela inércia de alguns deputados diante dos atos governamentais. Fala-se em subôrno, "persuasão" e outros tipos de manobras para comprar consciências. A própria atitude do presidente para com o Congresso como instituição, vem preocupando os meios democráticos norte-americanos. O senador Wayne Morse já advertiu contra o fato de que Kennedy pretende relegar o papel das Casas Legislativas a plano secundário, tomando decisões independentemente de aprovação ou não. As palavras do próprio presidente deixam bem claro a sua disposição de fortalecer mais o seu poder.

Tôda essa orientação, agravada pela crise cada vez mais aguda que assola a economia norte-americana e pelo isolamento sempre maior do imperialismo ianque no campo internacional, põe em perigo a paz mundial. A análise que os homens do sr. Kennedy fizeram da administração Eisenhower e da situação internacional parece que levou o nôvo ocupante da Casa Branca e os círculos que o assessoram ao desespêro. Pela primeira vez, realmente, êles tomaram conhecimento da realidade: se convenceram de que a correlação de fôrças no mundo é favorável ao socialismo e aos povos que lutam pela sua independência. O sr. Kennedy, em sua mensagem ao Congresso, logo depois de empossado, descreveu o panorama, pintando-o com muitas tintas de verdade. Dizia então "que o tempo trabalha contra nós" e que "sofreremos ainda muitas derrotas". Fazia crer também que os Estados Unidos estavam dispostos a enfrentar o desafio do campo socialista e a enfrentar a competição pacífica.

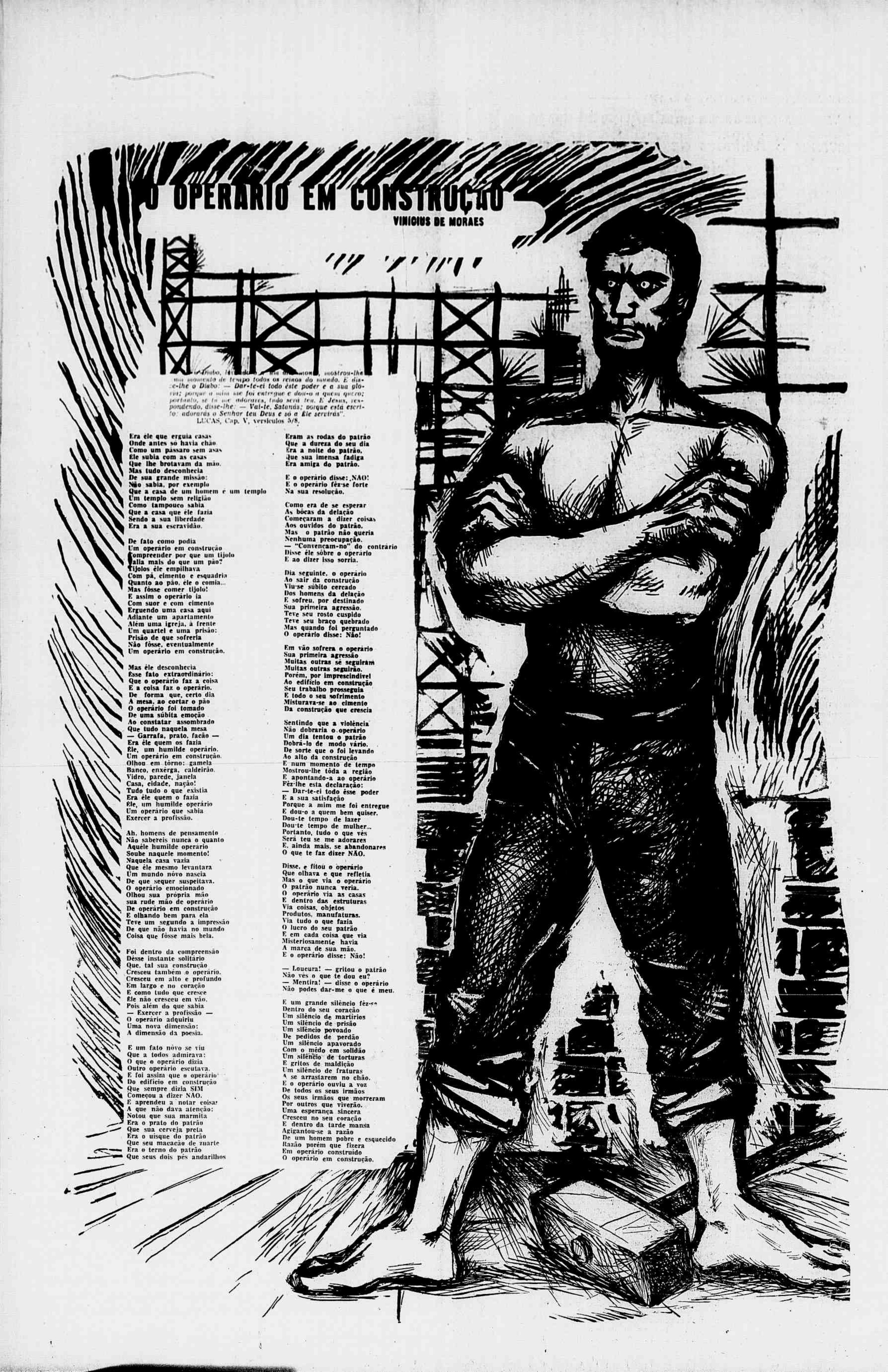
Três meses depois, coincidindo com o fracasso da invasão mercenária de Cuba e o espetacular vôo do cosmonauta Yuri Gagárin, o presidente, em diversos discursos e declarações, reconhece a impotência do capitalismo para enfrentar com sucesso a competição pacífica, e apela para o fascismo e a guerra com fórmulas capazes de salvá-lo do fim que se aproxima.

Nos anos de 1930, um homem de topete e bigodinho falava como o sr. Kennedy. O cenário que êle utilizava para as suas arengas era diferente: o som das fanfarras e o ulular de multidões fanatizadas faziam o côro às suas palavras. O mundo naquela época também era diferente. Mesmo assim, a marcha inexorável da roda da história o esmagou. Êle acreditava que era possível detê-la.

Hoje, o sr. Kennedy, que tem topete mas não tem bigode, fala como falava o Adolfo. Acredita, como acreditava Hitler, que os homens fortes e valentes podem modificar a história.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

VINICIUS DE MORAES



O Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo êste poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-a a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Êle servirás".
LUCAS, Cap. V, versículos 5/8.

Era êle que erguia casas
Onde antes só havia chão
Como um pássaro sem asas
Êle subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que êle fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos êle empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, êle o comia...
Mas fôsse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fôsse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas êle desconhecia
Êsse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era êle quem os fazia
Êle, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em tôrno: gamela
Banco, enxêrga, caldeirão.
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo tudo o que existia
Era êle quem o fazia
Êle, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquêle humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que êle mesmo levantara
Um mundo nôvo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Dêsse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Êle não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
— Exercer a profissão —
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia SIM
Começou a dizer NÃO.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão,
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: NÃO!
E o operário fêz-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bôcas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
— "Convençam-no" do contrário
Disse êle sôbre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe tôda a região
E apontando-a ao operário
Fêz-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo êsse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher...
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer NÃO.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

— Loucura! — gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
— Mentira! — disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o mêdo em solidão
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.